

A PROMESSA DE
KUSHIEL
Jacqueline Carey

Tradução de *Teresa Martins de Carvalho*



AGRADECIMENTOS

A todos os meus amigos, do peito ou de família, perto ou longe — por entenderem a luta, por perdoarem a falta de tempo, pelo espaço dado e a graça concedida, por partilharem a alegria (e o *júbilo*), por perguntarem, por escutarem, pelas notas escritas e enviadas, pelos serões no alpendre, pelo champanhe bebido e brindes oferecidos, por lerem, por deixarem planar as asas da história, por passarem a palavra: Obrigada. Mil vezes obrigada.



Olivia Mitchell 2001



LA S
LA ΠΑΣ

SKALDIA

LA SERENISSIMA

O CHOWAT

ILLYRIA

ΕΡΙΔΑΥΡΟ

HELLAS

Kriti

OS TEMENOS



DRAMATIS PERSONAE

CASA DE PHÈDRE

Anafiel Delaunay de Montrève — mentor de Phèdre (*falecido*)
Alcuin nó Delaunay — pupilo de Delaunay (*falecido*)
Phèdre nó Delaunay de Montrève — Comtesse de Montrève;
anguisette
Benoit, Gemma — pessoal doméstico
Fortun, Remy, Ti-Philippe — chevaliers, alcunhados Os Ra-
pazes de Phèdre
Eugènie — cozinheira
Joscelin Verreuil — Irmão Cassiline (Siovale)
Purnell Friote — senescal de Montrève
Richeline Friote — esposa de Purnell

MEMBROS DA FAMÍLIA REAL: TERRE D'ANGE

Ysandre de la Courcel — Rainha de Terre d'Ange; casada com
Drustan mab Necthana
Ganelon de la Courcel — anterior Rei de Terre d'Ange; avô de
Ysandre (*falecido*)
Isabel L'Envers de la Courcel — mãe de Ysandre (*falecida*)
Rolande de la Courcel — pai de Ysandre (*falecido*)
Barquiel L'Envers — irmão de Isabel; Duc L'Envers (Namarre)
Baudoin de Trevalion — filho de Lyonette e Marc; Príncipe de
Sangue (*falecido*)
Bernadette de Trevalion — filha de Lyonette e Marc; esposa de
Ghislain de Somerville
Lyonette de Trevalion — tia-avó de Ysandre; alcunhada Leoa
de Azzalle (*falecida*)
Marc de Trevalion — marido de Lyonette; anterior Duc de
Trevalion (*Azzalle*)
Nicola L'Envers y Aragon — prima de Ysandre

MEMBROS DA FAMÍLIA REAL:
LA SERENÍSSIMA

Benedicte de la Courcel — tio-avô de Ysandre; Príncipe de Sangue

Maria Stregazza de la Courcel — esposa de Benedicte (*falecida*)

Etaine de Tourais — segunda esposa de Benedicte de la Courcel

Imriel de la Courcel — filho de Benedicte e segunda esposa

Marie-Celeste de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e Maria; Princesa de Sangue; casada com Marco Stregazza

Severio Stregazza — filho de Marie-Celeste e Marco; Príncipe de Sangue

Thérèse de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e Maria; Princesa de Sangue; casada com Dominic Stregazza (*falecido*)

FIDALGUA D'ANGELINE

Isidore d'Aiglemort — filho de Maslin; Duc d'Aiglemort (Camlach) (*falecido*)

Marquise Solaine Belfours — fidalga; Secretária do Selo Privado
Cecilie Laveau-Perrin — esposa do Chevalier Perrin (*falecido*); adepta da Casa Cereus; tutora de Phèdre e Alcuin

Roxanne de Mereliot — Senhora de Marsilikos (Eisande)

Quincel de Morhban — Duc de Morhban (Kusheth)

Sua Senhoria Rinforte — Prefeito da Irmandade Cassiline

Edmée de Rocaille — noiva de Rolande (*falecida*)

Faragon Shahrizai — Duc de Shahrizai (Kusheth)

Melisande Shahrizai — fidalga (Kusheth)

(Tabor, Sacriphant, Persia, Marmion, Fanchone — membros da Casa Shahrizai; parentes de Melisande)

Ghislain de Somerville — filho de Percy; casado com Bernadette de Trevalion

Percy de Somerville — Comte de Somerville (L'Agnace); Príncipe de Sangue; Comendador Real

Tibault de Toluard — Marquis de Toluard (Siovale)

Gaspar Trevalion — Comte de Fourcay (Azzalle); primo de Marc Apollonaire e Diàne — detentores do Marquesado de Fhirze

Vivienne Neldor, Marie de Flairs — damas de companhia de Ysandre

Sua Senhoria Amaury Trente — Capitão da Guarda da Rainha

Sua Senhoria Denise Grosmaine — Secretária da Presença

CORTE DA NOITE

Moirethe Lereux — Cortesã-Mor da Casa Rosa Amarela

Favrielle nó Rosa Amarela — costureira

Raphael Murain nó Genciana — adepto da Casa Genciana

TRÊS IRMÃS

Senhor do Estreito — controla os mares entre Alba e Terre d'Ange

Hyacinthe — aprendiz do Senhor do Estreito; amigo de Phèdre; tsingano

ALBA E EIRE

Drustan mab Necthana — Cruarch de Alba, casado com Ysandre de la Courcel

Eamonn mac Conor — Senhor dos Dalriada (*falecido*)

Grainne mac Conor — irmã de Eamonn; Senhora dos Dalriada

Necthana — mãe de Drustan

(Breidaia, Moiread (*falecida*), Sibeal — filhas de Necthana)

LA SERENÍSSIMA

Cesare Stregazza — Doge de La Sereníssima

Marco Stregazza — filho mais velho do Doge

Ricciardo Stregazza — filho mais novo do Doge

Allegra Stregazza — esposa de Ricciardo

Benito Dandi — fidalgo, membro dos Immortali

Orso Latrigan — fidalgo, candidato à eleição do Dogado

Bianca — Sacerdotisa das Eleitas; Oráculo de Asherat
Vesperia — Sacerdotisa de Asherat; aprendiz de Oráculo
Giulia Latrigan — fidalga
Magister Acco — astrólogo
Serena Pidari — esposa de Phanuel Buonard
Felicity d'Arbos — antiga dama de companhia de Maria Stregazza
Carcereiro-Mor de La Dolorosa
Constantin, Fabron, Malvio, Tito — carcereiros

ILLYRIA

Vasilii Kolcei — Ban de Illyria, alcunhado o Zim Sokali
Zabèla Kolcei — esposa do Ban
Pjètri Kolcei — filho do meio do Ban
Czibor — comandante da Guarda do Ban
Kazan Atrabiades — capitão pirata
(Epafras, Gavril, Lukin, Nikanor, Oltukh, Pekhlo, Spiridon,
Stajeo, Tormos, Volos, Ushak — homens de Kazan)
Daroslav — irmão de Kazan (*falecido*)
Glaukos — homem de Kazan, antigo escravo tiberiano
Zilje — esposa de Glaukos
Marjopí — governanta de Kazan
Njësä Atrabiades — mãe de Kazan
Janàri Rossatos — Embaixador em La Sereníssima

KRITI

Oeneus Asterius — Hierofante dos Temenos
Pasifae Asterius — a Kore dos Temenos
Demetrios Asterius — Arconte de Faistos
Timanthes — fidalgo, amante do Arconte
Althaia — fidalga, irmã de Timanthes

OUTROS

Maestro Gonzago de Escabares — historiador aragonês; anti-
go professor de Delaunay

Thelesis de Mornay — Poeta da Rainha
Quintilius Rouse — Almirante Real
Emile — membro da antiga equipagem de Hyacinthe
Jacques Brenin — feitor de Phèdre
Nahum ben Isaac — o Rebbe
Hanna — mulher yeshuíta
Micheline de Parnasse — Arquivista Real
Tarren d'Eltoine — Capitão dos Imperdoáveis, Fortesul (Camlach)
(Octave, Vernay, Svariel, Fitz, Giles — soldados dos Imperdoáveis)
Phanuel Buonard — guarda de Troyes-le-Mont
Louis Namot — Capitão do navio *Darielle*
Brys nó Rinforte, David nó Rinforte — Irmãos Cassilines
Gregorio Livinius — Príncipe de Pavento
Duque e Duquesa de Milazza
Gilles Lamiz — aprendiz de poeta
Micah ben Ximen, Sarae, Teppo — yeshuítas; aliados de Joscelin
Cervianus — ajudante do Templo de Asherat



QUARENTA E TRÊS



Uma oferta.
Uma perigosa oferta.
Depois de Melisande ter saído, sentei-me enroscada no catre, os braços em torno dos joelhos, a pensar. Havia sido diferente, antes. Há uma certa calma no desespero. Agora até esse luxo me fora arrancado.

Tinha de pensar.

Joscelin e Ti-Philippe, vivos! Estavam no bairro yeshuíta, estava certa disso. Era o único sítio em que nem Benedicte nem os Stregazza pensariam procurar; era o primeiro sítio para onde teria ido Joscelin. E, se é que Ti-Philippe escapara, se fosse esperto bastante e tivesse como fazê-lo, seria onde iria procurar. Dei graças a Elua, então, de que os meus chevaliers houvessem sido suspeitosos bastante para seguirem Joscelin durante os seus desaparecimentos.

Sabiam o bastante, eles dois, para deporem contra Percy de Somerville — embora não tivessem provas. Era o que não sabiam que podia significar a sua morte. O Príncipe Benedicte... Benedicte e Melisande. Ainda assim, pensei, Ti-Philippe fora esperto bastante para fugir, quando vira os guardas de Benedicte.

Os guardas de Percy de Somerville, que todos julgáramos haverem sido inadvertidamente aceites ao serviço do Príncipe Benedicte.

Ele sabia que eu, Remy e Fortun saíramos para ir à Pequena Corte, e que nunca mais fôramos vistos.

Mas não saberia por quê, e poderíamos ter sofrido um ror de “acidentes” entre casa e o palácio. Matutei e tornei a matutar na questão, e cheguei inevitavelmente à mesma conclusão. O seu alcance era simplesmente demasiado amplo, demasiado difícil de abarcar. Nem Ti-Philippe nem Joscelin adivinhariam a traição de Benedicte.

O que buscas encontrarás no último lugar onde procurares...

Não pensara nisso; nem eles pensariam. O mais que eu poderia esperar era que o meu desaparecimento e os traiçoeiros guardas os deixassem de pé atrás, de pé atrás o bastante para evitarem a Pequena Corte e irem direitos a Ysandre.

Se é que estavam vivos. Se é que Ti-Philippe não jazia algures num catre suando até à última gota de vida com alguma medonha pestilência apanhada no canal. Se é que Joscelin não ia já a meio-caminho das estepes setentrionais, em perseguição de uma misteriosa profecia yeshuíta.

E se é que lograriam alcançar a Rainha, coisa que Melisande, que poucas ilusões acalentava, julgava impossível.

Se, se, se.

Coisa sinistra, esperar contra toda a esperança.

Não duvidava da veracidade do que clamava Melisande. É um truísmo; a História é escrita pelos vitoriosos. Com o sólido apoio do Duc Percy de Somerville e do Príncipe Benedicte de la Courcel atrás de si, a sua reputação seria restaurada, praticamente imaculada. Haveria protestos por parte de uns quantos, com presteza silenciados. Uns quantos acaso se rebelariam; não muitos, julgava eu. Não esquecera os murmúrios entre a nobreza quando Drustan mab Necthana entrara a cavalo na Cidade de Elua.

Muitos, demasiados, congratular-se-iam por se verem livres de um Príncipe-Consorte Picto, cuja linhagem macularia os herdeiros da Casa Courcel. Coisa que não acontecia com Benedicte, ainda sucessor de Ysandre. Não, os seus filhos nascidos em La Sereníssima seriam herdeiros aqui. Em Terre d'Ange, um filho de sangue legítimo, gerado pela sua esposa d'Angeline.

O filho de Melisande.

E quanto a Ysandre de la Courcel, pensei, tornar-se-ia uma trágica nota de rodapé na história d'Angeline. Chacinada, sem dúvida, no decorrer de uma sereníssima intriga mortalmente resvalada para o torto. O que planeara Melisande, não sabia eu, mas bem adivinhava que nem um vestígio disso transpiraria para ela, nem para Benedicte.

Quem ousaria confrontá-la, então, com Benedicte a seu lado?

Havia Quintilius Rouse — e, quanto a ele, não podia eu adivi-

nhar. Engoli-lo-ia ele ou não? Ele jamais me julgaria traidora, pensei, e Melisande inocente. E contudo, conhecia Benedicte dos velhos tempos, e Percy de Somerville, também. O que podia o Almirante Real fazer, se o exército tinha o domínio da terra? Muito pouco, porventura; especialmente se a armada sereníssima acudisse a apoiar o que clamava Benedicte. E se Marco Stregazza fosse eleito doge, não tinha dúvidas de que isso se seguiria. Quintilius Rousse era matreiro e um sobrevivente. Porventura sustentaria o que clamava Benedicte, se sentisse não ter outra escolha.

Havia Barquiel L'Envers.

E era ele, pensei lastimosamente, a chave. O Duc L'Envers, que eu julgara meu inimigo. Era ele a razão por que Benedicte não ousaria agir sem o apoio do Exército Real. Como tio materno de Ysandre, era ele o mais próximo aspirante ao trono, com laços de matrimónio com a Aragonia, com Alba, com Khebbel-im-Akkad. Todos os quais poderiam acorrer em defesa de L'Envers caso houvesse a mais ínfima suspeita quanto à morte de Ysandre. Drustan fá-lo-ia, estava certa disso; nem tampouco me esquecera da companhia de lanceiros que combatera a nosso lado contra os Skaldi, e da mortal cavalaria akkadiana.

Teriam de agir com presteza, Benedicte, Melisande e de Somerville, para assegurarem o trono e verem-se livres de Barquiel L'Envers.

Quão tola sou, pensei, por tão facilmente haver acreditado. Nem tudo está perdido até ao fim do jogo, e este ainda não terminou, ainda não. Amarga mão a que Melisande me distribuiu, mas ainda há algumas cartas por jogar.

Assim cismeí e pensei eu, até que a luz começou a esmorecer na minha cela abafada e um dos guardas me trouxe a refeição da noite. Constantin, chamava-se ele, silencioso e soturno. No conjunto dos carcereiros, bem que gostava dele, pois não me atormentava.

— Constantin — disse-lhe eu quando devolvi o tabuleiro vazio. — Levar-me-íeis uma mensagem para o carcereiro-mor?

Ele ajeitou o tabuleiro nos braços e olhou-me impassivelmente. — Levar, levo. Não prometo que ele a oiça.

— Entendo — disse eu gravemente. — Rogo-vos que lhe digais que busco audiência com ele.

— Assim farei.

Mais não disse, e com isso tive de me contentar. O cair da noite sugou-me a última luz da cela. Fiquei sentada no catre a olhar o fulgor do lusco-fusco desvanecer-se através da janela estreita, o azul do crepúsculo tornar-se cinza e depois negro como breu pontilhado de estre-

las. À medida que a visão se dissipava, o incessante lamento do desgosto de Asherat dominou-me os sentidos. Desperta, escutei, destrinchando os sons dos meus companheiros de cárcere por entre a cacofonia. De-ra-lhes nomes a todos, nas noites sem fim. O Lamurioso, cujos gritos ululantes soavam num incessante crescendo e decrescendo. O Esgaravador, que fazia sons como os de um pequeno animal tentando abrir um túnel através da rocha sólida. O Rosnador, a que restava o tino para maldizer a sua sorte. O Martelador... não gostava de pensar no que fazia o Martelador, produzindo obscuros sons abafados que pontuavam a noite uivante. Havia outros, quiçá uns sete ou oito. Era difícil dizer, até com o meu ouvido apurado. Não estava segura sequer de que o Suplicante e o Vociferador não fossem a mesma pessoa. Nunca os ouvia ao mesmo tempo, mas não estava certa se se trataria de um prisioneiro alternando entre o desespero suplicante e a raiva desenfreada, ou meramente das orquestrações da demência.

Quando me for... será pior.

Seria pior. Seria muitíssimo pior. Eu ainda nem chorava alto durante a noite, acordando apenas a choramingar de um sono intermitente. Quando os meus sonhos se enchiam de nada mais do que do sorriso lúbrico e rasgado de Malvio, do sussurrar lascivo de Fabron no meu ouvido... ah, Elua!

Seria muito, muito pior.

Se Joscelin e Ti-Philippe fossem vivos, se porventura lhes fosse possível, valeria a pena.

Pois não me parecia que lograsse resistir a Melisande por muito tempo.

Se.

Adormeci por fim, exausta pelos tormentos da minha mente. A manhã chegou e arrastou-se; a seu tempo lá veio um guarda com comida. Era Tito, com uma expressão compassiva no rosto largo e desgracioso. Perguntei-lhe se o carcereiro-mor me receberia nesse dia, e ele encolheu os ombros, abanando a cabeça. Não sabia. Agradei-lhe mesmo assim, e comi a minha refeição da manhã. Uma fina placa de papa de aveia fria, mas com um fio de mel. Tito quedou-se desajeitado a ver se eu gostava.

— Fostes vós? — perguntei.

Ele assentiu e abriu-se num sorriso como uma criança. — Chegou o tributo do colmeeiro. Coube-me um pedaço assim. — Com as manzorras apartadas, indicou o tamanho do favo de mel. — Guardei-vos algum.

A despeito de tudo, sorri. — Obrigada, Tito. É muito bom.

Não há rochedo onde a alma mortal possa soçobrar que não contenha uma frágil gavinha de bondade humana nele lutando para crescer; isto descobri eu ser verdade. Será fraqueza minha que haja buscado sempre recompensá-la? Não sei dizer, apenas que tornaria a fazê-lo, embora a afeição simplória de Tito haja provado ser igualmente uma bênção e uma maldição, no fim. Assim penso agora; então, observei-o meramente rapando os últimos vestígios reveladores de mel do prato e lambendo os dedos, simultaneamente grata e pesarosa que fosse a isto que chegara a bondade na minha vida.

O carcereiro-mor não veio nesse dia, nem no seguinte. Andei de um lado para o outro da minha cela abafada, suada e irritada. De cada vez que ouvia uma chave na fechadura, o coração disparava-me de medo que fosse Melisande, retornando para saber a minha resposta. Medo e terror enredados num terrível nó de complexo desejo que me deixava a boca seca e o sangue martelando-me nas veias.

No terceiro dia, o carcereiro-mor veio.

Ouvi a chave, desta vez, demasiado cedo para que fosse um carcereiro com a refeição da noite. Lesta, com dedos trémulos, preendi o cabelo na nuca com o nó solto a que chamávamos pressa-de-amante na Corte da Noite, que se fixa sem ganchos nem coifa. Recompondo-me num semblante de dignidade, postei-me para receber o meu convidado, alisando o vestido cinza.

Quando o carcereiro-mor entrou, acompanhado de Fabron, inclinei a cabeça, concedendo-lhe a saudação entre iguais que usamos na corte. Ele não correspondeu, dizendo apenas na sua voz monocórdica, — Haveis pedido para me ver.

— Sim, meu senhor carcereiro-mor. — Inspirei; não esperara que ele se tornasse mais brando. — Meu senhor, desejo pedir-vos uma mercê. Desejo enviar uma carta, nada mais. — Fiz uma pausa, e ele nada disse. — Não vos insultarei protestando a minha inocência, meu senhor — prossegui. — Ouso dizer que o ouvis bastas vezes, e não vos cabe julgar, mas apenas fazer cumprir. Apenas peço o ensejo de notificar a minha Rainha do meu destino. Sendo ela minha soberana, tem o direito de saber; não menos concederíamos a qualquer nativo estrangeiro em Terre d'Ange. E podeis crer em mim — acrescentei — quando vos digo que Ysandre de la Courcel pagaria encarecidamente por ter conhecimento disto. — A expressão dele não se alterou. Dei um passo em frente. — Seja o que for que pedirdes, meu senhor — disse firmemente. — Pô-lo-ei por escrito, e vinculá-la-ei pelas palavras sagradas da Casa

L'Envers, sua linhagem materna, que nem a própria Rainha poderá recusar.

E assim poderia fazer, sim, pois sabia agora que Nicola L'Envers y Aragon não me enganara, depondo sim uma arma de grande poder nas minhas mãos. Ela estava certa, Barquiel L'Envers e eu deixáramo-nos cegar estupidamente pelas nossas suspeitas, e o trono seria deitado a perder devido a isso. Quais crianças brigando num palheiro, ignoráramos a porta aberta através da qual o lobo poderia irromper.

Não importa no que acreditais. Lembrai-vos apenas.

E lembrava-me.

O carcereiro-mor agitou-se. Por sobre o seu ombro esquerdo, Fabron articulou silenciosamente uma qualquer obscenidade para mim, imitando um beijo molhado de língua. Ignorei-o, concentrando-me no carcereiro-mor.

Que disse, enfaticamente, — Não.

Fitei-o, atónita, e fiquei à espera de mais enquanto o coração se me afundava como uma pedra no peito. Como nada mais viesse, lutei contra o ímpeto absurdo de rir e disse em vez disso, — Meu senhor, posso perguntar porquê?

As palavras dele foram compassadas como o lento gotejar de água numa caverna. — Estamos em La Dolorosa e eu sou seu carcereiro-mor. Nem mais nem menos. Asherat vos mandou, e eu vos mantereí encarcerada até que ela vos clame.

— Asherat! — A palavra irrompeu-me dos lábios. — Meu senhor, o próprio Oráculo de Asherat foi subvertido na conspiração que para aqui me enviou! Perguntai, se não o credes, perguntai no grande templo na Praça, e vede se o lugar da Sua profetisa não foi usurpado por um dia! Perguntai ao próprio Doge, o Bem-Amado de Asherat, como lidaram com ele as Suas sacerdotisas! Digo-vos eu, tronos dependem desta carta, e a própria santidade das vossas crenças!

Eu estava furibunda; sabia que estava furibunda. E, pior, parecia não lograr deter-me. À medida que a torrente da minha voz jorrava, vi o carcereiro-mor assentir uma vez para Fabron, que se adiantou para me agarrar pelos braços, empurrando-me para trás. Encostou o corpo ao meu, lambendo os beiços.

Não foi fácil, mas recobrei a compostura e sacudi-o. O termo de protecção de Melisande prevaleceu; ele largou-me ostensivamente, levantando ambas as mãos no ar.

— Permita Elua que lamenteis isto, meu senhor — disse eu baixinho para o carcereiro-mor.

— Rogai por isso se assim desejardes. — E mais não disse, abrindo a porta da cela, acenando a Fabron para que lhe passasse à frente e retirando-se em seguida. A porta foi fechada e trancada, deixando-me só uma vez mais.

Uma esperança, fora-se.

Restavam apenas Joscelin e Ti-Philippe... ou Melisande.

Não me apraziam sobremaneira as minhas chances fosse qual fosse o caso.

QUARENTA E QUATRO



Melisande não veio sem avisar. Soube, quando um guarda trouxe outra vez um balde e sabão para me lavar, o que aquilo significava. Não encontrei nisso qualquer prazer desta vez, apenas algum amargo divertimento. Não ficaria bem à Princesa-Consorte de Benedicte de la Courcel encontrar-me por lavar e arranjar numa cela imunda e a tresandar, é claro. Não, Melisande tinha de dar ordens para que eu me lavasse, como um qualquer cacique de batalha com uma selecta prisioneira de guerra.

Assim fiz, embora me sentisse tentada a desafiá-la. Mas havendo já sido alimentada à força, não tinha desejo de repetir a experiência com uma esfrega, e algo na expressão do guarda — era um novo, cujo nome desconhecia — sugeria que isso era provável. Uma vez pronta, enverguei o vestido lavado que ele trouxera e sentei-me de pernas cruzadas no catre à espera.

Não tive de fazê-lo por muito tempo.

Desta vez, não me encolhi, nem recuei. Permaneci como estava, conquanto a presença de Melisande enchesse a cela como a chama de uma vela ou uma cantiga. Orgulhei-me desse pequeno gesto de fortaleza. Se ela me rebaixara, pois muito bem, seria esse o território que clamaria como meu. Deixá-la vergar-se, se é que desejava alcançar-me.

Assim pensei eu; tratando-se de Melisande, é claro, ela não o fez, olhando-me meramente do alto, reduzindo a uma miudeza o que eu fa-

zia, e a razão de fazê-lo. Um ligeiro sorriso pairou-lhe ao canto da boca. Eu não dispunha de ardis que ela não conhecesse. O que o meu senhor Delaunay me ensinara, ensinara-lhe a ela também, há muito tempo atrás. E, por sua vez, ela ensinara-o a ele a usar as pessoas.

Como me usara a mim.

— Já decidiste? — inquiriu Melisande.

Inclinei a cabeça contra a parede de pedra da cela. — Que faríeis vós comigo?

Outro qualquer porventura teria interpretado mal o que eu queria dizer; não Melisande. — Há uma masmorra na Pequena Corte. Serias mantida cativa lá até... que as coisas em La Sereníssima estivessem resolvidas. Ou quiçá por mais tempo. Depende de ti. — Correu amavelmente os olhos pela minha cela. — É bem mais aprazível que isto, tendo sido construída para desfrute de hóspedes kushelines. Luz, terás tu, e confortos; roupa decente, comida, banho como deve ser. Coisas que ler, se desejares; a livraria é boa. Será menos segura por isso, perguntas-te tu? Não. — Abanou a cabeça. — Não grande coisa.

— Alguma coisa.

— Sim — disse Melisande pensativamente. — Alguma.

— Pode ser que eu vos ludibrie e ganhe a vossa confiança.

— Sim. — Um laivo de divertimento iluminou os seus olhos gloriosos. — Há isso, também. Embora ouse dizer que, se o julgasses provável, não o dirias em voz alta.

Dado que era verdade, não me dignei responder, perguntando em vez disso, — Porquê arriscá-lo sequer? Tudo o que ansiastes jaz ao vosso alcance. Valerá a pena deitá-lo a perder, por mais pequeno que seja o risco, meramente para comigo brincardes? Não creio nisso, minha senhora, e desconfio dessa vossa oferta.

— Desconfias? — Melisande foi olhar através da grade da janela para o horizonte distante, a luz coada do dia serenando-lhe as feições encantadoras. — O jogo dos tronos é um jogo mortal, minha querida. Ainda que este gambito falhasse, que não falhará, ainda assim, assegurei o meu remate. Meu filho, de tudo inocente, é terceiro na linha de sucessão ao trono, o único descendente da linhagem Courcel intocado pela traição. Nenhum outro membro da Casa Shahrizai tal alcançou. Mas tu... — Voltando-se, sorriu para mim. — Kushiel escolheu-te a ti, Phèdre, e marcou-te como sua. Brincar contigo é jogar um jogo dos deuses.

Estremeci. — Sois louca — disse debilmente.

— Não. — Melisande abanou de novo a cabeça. — Apenas ambiciosa. Perguntarei de novo: já decidiste?

O bater lamentoso do mar desgostoso encheu o silêncio que alastrou entre nós. Daria comigo em louca, a seu tempo; começara já. Soubera-o, no dia em que me enfurecera face à recusa do carcereiro-mor. Mas pelo menos a demência apenas me clamaria a mim, e permaneceria verdadeira para comigo mesma até ao fim. O caminho de Melisande... esse era outra conversa. Se eu arriscasse e perdesse, trairia muita coisa mais.

Dilacerada entre o terror e o desejo, soltei uma gargalhada desesperada. — Minha senhora, estou destruída de qualquer forma. Far-me-eis escolher?

— Destruída? — Ela ergueu as sobrancelhas. — Fazes-me uma injustiça, julgo eu.

— Não — disse eu. — Há Ti-Philippe. E Joscelin.

— Ama-lo deveras — disse Melisande curiosamente. Eu desviei o olhar, ouvi-a rir. — Servo de Cassiel. Um tormento apropriado, para uma eleita de Kushiel, e de Naamah... ele fugiu verdadeiramente aos teus encantos?

— Sim — sussurrei.

— Ah, mas adivinhas porventura para onde se evadiu ele. Phèdre. — A voz dela fez-me virar a cabeça. Havia piedade e inexorável crueldade no seu olhar. — Seja como for, ele foi-se. Que mérito tem, esta lealdade cega e impensada? — perguntou gentilmente. — Para com o teu Cassiline, que te deixou; para com Ysandre de la Courcel, que te usou à medida da sua necessidade. É tudo igual para Elua e seus Companheiros, quem está sentado no trono de Terre d'Ange. Diz-me, acreditas que eu daria tão deplorável soberana?

— Não — murmurei, surpreendendo-nos a ambas com a verdade. — O que fazeis, minha senhora, tendes o costume de fazer muito bem. Não duvido de que, assim que detivésseis o trono, governaríeis com fortaleza e astúcia. Mas não posso tolerar os meios.

— Phèdre. — O meu nome, apenas; Melisande pronunciou-o como que para me pousar um dedo na alma, suave e imperioso. — Chega aqui. — Atravessou a cela para se postar diante de mim, estendendo a mão, e eu tomei-a sem pensar, levantando-me obedientemente com instintos arraigados em cada fibra do meu ser, em mim inculcados desde os quatro anos de idade. Com nada mais que a fortaleza da sua vontade e a fascinação mortal da sua beleza, Melisande manteve-me cativa e trémula diante dela, emoldurando-me o rosto com ambas as mãos. — Porque lutas tu contra o teu próprio desejo? O próprio Abençoado Elua no-lo roga, ama à tua vontade.

Houvesse algum lugar para onde fugir, tê-lo-ia feito. Tivesse eu podido lutar com ela, tê-lo-ia feito. Não havia, e eu não podia. Não podia sequer responder. O seu odor fazia-me rodopiar a cabeça.

Quedei-me postada, petrificada e obediente, o coração batendo-me disparado, desenfreado.

Tão próxima, tão bela.

Tão perigosa.

Melisande baixou a cabeça e beijou-me.

O abalo trespassou-me qual espada; julgo que arquejei. Um defeito, uma fraqueza; o Dardo de Kushiel, perfurando-me até ao âmago. E no rescaldo do abalo veio o desejo, numa enorme vaga esmagadora que me destituiu de vontade como a um galho numa torrente, arrancando tudo à sua passagem. Anelante, ah, Elua! Isto vinha-se interpondo entre nós há muito tempo, e era doce, mais doce ainda do que eu me lembrava. Ancorada pelas mãos de Melisande, balanceei, dissolvendo-me sob lábios e língua, mais e mais anelante. Deixou-me os ossos em fogo fundido, a minha carne tomando forma à forma do seu desejo. Doeram-me os seios de desejo, uma maré enchente assomando-me no sangue, doeram-me as entranhas, o corpo buscando moldar-se ao dela. Tudo o que ela pediu, eu dei. Tudo o que eu era, tudo o que era destinada a ser, tornei-me eu sob o seu beijo.

Era como que um retornar a casa.

Melisande soube-o; como poderia não saber? Debatendo-me para respirar, agarrei-me a ela, as mãos crispadas nos seus ombros. Nem sequer me lembrei de erguer os braços. Um débil sorriso triunfante recurvou-lhe os lábios quando me soltou.

Inspirei fundo, tremulamente, e recuei... um passo, dois, o sorriso dela tornando-se zombeteiro... e lancei a cabeça para trás com todo o meu vigor, fazendo-a bater com força contra a parede de pedra da cela.

Foi uma dor lancinante que me disse que falhara, apanhando não a parede lisa mas o rebordo do vão da porta. Ressoou-me até aos confins do crânio quais asas brônzeas de Kushiel, uma agonia latejante que me fez pairar turvamente uma névoa vermelha na visão, martelando e martelando, dissipando a fascinação de Melisande.

Ri-me ao deslizar impotente para o chão, vendo o abalo tomar forma no seu rosto encantador.

— Phèdre!

Era apenas a segunda vez que eu a escutava, a sua voz melodiosa desafinada de abalo. Um calor molhado deslizou-me pela nuca abaixo,

escorrendo para diante e formando-me uma poça na depressão da garganta, um arroio escarlate. Tinha deveras rachado o crânio.

— O que, pelos sete infernos, pensas tu? — resmungou Melisande com urgência, os olhos atentos e receosos quando ajoelhou a meu lado, pressionando-me um lenço enchumado contra a nuca. Tonta e atordoada de dor, endireitei-me para olhar para ela. — Juro, Phèdre, trazes-me dez mil anos de tormento vivo!

O rosto de Melisande e a cela giraram-me diante dos olhos, num atoleiro de agonia. Ela importava-se, importava-se deveras comigo, e eu não lograva parar de rir à conta disso, havendo descoberto o meu vão triunfo na loucura atordoada de dor. A despeito da névoa vermelha de Kushiel que me toldava os olhos, a despeito da dor lancinante que sentia na cabeça, os meus pensamentos estavam claros. O equilíbrio de poderes mudara, tornando-nos, para variar, iguais. Um franzido de concentração vincava aquela fronte imaculada enquanto Melisande procurava estancar o fluxo de sangue.

— Segura aqui — disse ela abruptamente, pressionando os meus dedos inertes sobre o lenço encharcado de sangue. Obedeci, vendo-a dirigir-se para a porta, bater com força a chamar o carcereiro. — Ide buscar um cirurgião — ordenou-lhe vivamente em Caerdicci. — Ou o mais parecido que tiverdes neste lugar.

Ele deve tê-lo feito com presteza; pude ouvir os seus passos afastando-se ao longo do corredor. Melisande olhou-me em silêncio, retirando um púcaro cheio de água do balde e usando-a para lavar o meu sangue das mãos, cuidadosa e minuciosamente. Sentei-me encostada à parede, pressionando o lenço dela contra a cabeça. O meu cabelo já estava ensopado de sangue.

— Tereis de manobrar com presteza — disse então, como se não estivesse sentada a sangrar no chão da minha cela. — Barquiel L'Envers não é tolo nenhum, e tem as suas suspeitas. Reterá o trono como regente no instante em que escutar as novas, e clamará uma investigação exhaustiva antes de o ceder.

— Quatro mensageiros partirão velozmente a cavalo de La Sereníssima no instante em que o campanário na Grande Praça tocar a rebate pela morte de Ysandre — disse Melisande friamente. — Com cavalos frescos aguardando ao longo de todo o caminho até à Cidade de Elua. Percy de Somerville tomará a Cidade antes que o Duc Barquiel escute as novas.

— E ele terá nomeado um conspirador, suponho eu. — Movi-me contra as lajes de pedra, desencadeando nova vaga de agonia na cabeça. — Como deverá morrer Ysandre?

— Já sabes o bastante. — Uma chave na porta; Melisande recuou para deixar entrar o carcereiro-mor e um guarda. Ele olhou inexpressivamente para ela e acercou-se para me observar, puxando-me a cabeça para a frente e arredando as madeixas de cabelo ensopadas de sangue. Senti-lhe os dedos sondando-me a ferida.

— Um lenho no coiro cabeludo — anunciou, levantando-se e limpando as mãos a uma toalha. — Não é grave. Os ferimentos na cabeça sangram muito. Não é tão profundo assim que tenha de ser cosido. Já começa a querer estancar. — O carcereiro-mor virou o seu olhar destituído de emoção para o guarda. — Deixa-a repousar sem que a perturbem por um dia. *Princesa*. — Inclinou brevemente a cabeça para Melisande. — Alguma coisa mais?

— Não. — O tom de voz dela era indecifrável. — Dai-me uns momentos mais com a prisioneira.

Ele assentiu novamente. — Batei quando tiverdes acabado.

Melisande fitou a porta quando ela se fechou atrás deles. — Mantém a tradição que um membro da família dele tem servido como carcereiro-mor de La Dolorosa desde o primeiro lamento de Asherat-do-Mar — observou ela. — Primeiro guardaram o corpo de Eshmun, depois de Baal-Jupiter o haver chacinado. Assim se diz. E diz-se também que ele é incorruptível, havendo sido nomeado pela deusa. — Olhou para mim. — Mas tu já o sabias.

Encolhi os ombros. — Esperaríeis que eu não tentasse?

— Dificilmente. — Olhou à sua volta para a cela nua. — Sinistra recompensa pelo serviço do seu antepassado. Parece-me a mim uma honra dúbia, receber o favor de um deus.

— Sim, minha senhora — disse eu retorcidamente. — Aprecio a ironia. Mas não foi Asherat-do-Mar que fez deste lugar uma prisão. Foi a crueldade mortal que o fez, e o esquecimento mortal que urdiu o propósito do carcereiro-mor, ao longo dos séculos.

— Quiçá. Não são como nós, que não podemos esquecer. — Melisande esboçou um gesto simples e gracioso. Cruzei o olhar com o dela sem falar. — Há dois anos atrás... — assentiu na direcção da parede — ...não terias feito isso.

O que esperava ela, ela que me vendera para a escravidão entre os Skaldi? Lutara duramente pela minha sobrevivência, e ganhara duríssimas penas pelas minhas dores. Era verdade, Ysandre usara-me à medida da sua necessidade, enviando-me para um perigo tão grande como o que eu deixara para trás. Mas eu fora com o meu consentimento, então. Enfrentara a morte, por mais de uma vez. Caminhara para os

braços abertos da morte no campo de batalha de Troyes-le-Mont, e fora sabendo o que fazia. Perdera camaradas e seres amados, e pranteara. Não era o que fora, quando Melisande pela primeira vez me possuía. Estas coisas pensei eu, sentada nas lajes de pedra da minha cela com os olhos fitos no seu rosto intoleravelmente belo.

— Era uma criança, então, minha senhora — disse suavemente. — O meu preço é agora mais elevado.

Por uma vez, não a temi; estava segura na sombra medonha de Kushiel, e a agonizante e latejante dor na cabeça protegia-me ainda. Melisande assentiu simplesmente, aceitando a minha resposta. — Dou-te um dia — disse. — Depois de amanhã de manhã, dois guardas de Benedicte virão saber a tua resposta. Falarão contigo em pessoa. Se a tua resposta for sim, partirás com eles. Se for não... — Encolheu os ombros. — Ficas. Para sempre. Não perguntarei outra vez.

— Entendo.

— Bom. — Melisande voltou-se para bater à porta, depois deu meia-volta de novo. — Não foi avisado da tua parte jogares esta mão tão cedo, Phèdre. Serei mais cautelosa de futuro.

— Jogo a mão que me distribuístes, minha senhora — repliquei.

— Jogas? — Olhou-me curiosamente. — Pergunto-me, por vezes.

Para aquilo, não tive eu resposta. Melisande fitou-me por um momento mais, depois bateu na pesada porta para sair. Uma vez mais a chave deslizou na fechadura, as dobradiças rangeram quando a porta se abriu. Vi-a ir-se, levando cada resquício de cor e beleza com ela.

Apenas o seu odor permaneceu.

Abri a mão, revelando o seu lenço amachucado e encharcado de sangue, os vincos começando já a ficar rígidos até que o abri e alisei. Era de fina cambraia, bordada de renda, com o cisne da Casa Courcel bordado em miniatura a um canto. O perfeito penhor de uma amante, dadas as coisas entre nós.

Um dia.

E então teria de escolher.

QUARENTA E CINCO



Pensei muito em Hyacinthe nesse dia. Era irônico, numa situação carregada de amargas ironias. Eu escolhera este mesmo destino quando desvendara o mistério do Senhor do Estreito; não apenas por uma vida, mas por uma eternidade, amarrada a uma ilha solitária. Não teria enfrentado a loucura do desgosto de Asherat, é claro, mas ousou dizer que séculos de tédio teriam constituído a mesma coisa.

Hyacinthe usara a *dromonde* para ler o passado, e roubara-me o destino a que estava condenada.

E agora enfrentava-o uma vez mais.

Como o suportaria ele, perguntava-me eu. Como passaria ele agora? O Senhor do Estreito prevenira que seria um longo aprendizado. Dez anos? Cinquenta? Um século? Eu jurara fazer tudo o que pudesse para o libertar. Em vez disso, estava encarcerada, e tudo o que os meus esforços haviam logrado fora guiar Joscelyn até aos Yeshuítas e com isso perdê-lo. Agora, perscrutei o mar enraivecido através da janelinha estreita, e perguntei-me se haveria alguma maneira de Hyacinthe me libertar. Perguntara-me, ociosamente, a bordo do navio vindo de Marsilikos, quão longe se estenderia o domínio do Senhor do Estreito.

Tomara haver chegado a alguma outra conclusão. Mas o seu alcance jamais fora além de umas quantas léguas para lá do Estreito, e eu estava longe, muito longe, de lá.

E muito, muito só.

Inclinei a cabeça dolorida contra o rebordo da janela. Melisande estava certa, eu fora uma tola ao revelar até que ponto iria para a desafiar. Tudo o que lograra fora uma cabeça ferida e a fugaz satisfação de vê-la admirada. Fora uma empresa idiota, e não uma que me aprouvesse usar amiúde. E contudo... tivera necessidade de saber, por mim apenas. *Podia* desafiá-la, congregasse eu o ânimo para fazê-lo.

Embora houvesse sido necessário um crânio rachado para quebrar o feitiço de um beijo.

E Melisande era capaz de mais, de muito mais que isso.

Eu sabia; lembrava-me. Lembrava-me de tudo sobremaneira bem. Uma *anguisette* é um instrumento raro; à maioria dos meus patronos faltava a arte para fazer soar todas as minhas cordas. Dor e prazer, sim, é claro, mas há outras, também. Crueldade, humilhação, dominação... e compaixão e bondade. Era necessário tudo isto, para fazer música verdadeiramente requintada. Essa era a parte que tão poucos entendiam.

Afecto.

Era a minha perdição com Melisande, sempre a potencial chave para me fazer soçobrar. Por mais que a odiasse — e odiava-a por demais sob demasiadas formas —, uma parte minha não o fazia, nem jamais poderia fazê-lo. Waldemar Selig fora um adversário formidável com a vantagem de me possuir totalmente, mas por mais vezes que me dominasse, ou por mais formas que o fizesse, eu jamais correra o risco de me perder nele. Não estivera nem um pouco apaixonada por ele.

A despeito de tudo, agora sabia; aquela era uma espada de dois gumes. Melisande importava-se o bastante comigo para se tornar vulnerável, pelo menos um pouco. Assim como Kushiel se importava com os condenados ao seu cuidado, quando era ainda o Castigador de Deus; amava-os de tal modo que acolhiam a dor como um bálsamo e imploravam para não o deixar. Assim também isso tornara Kushiel vulnerável, pois que o Deus Um se desgostou dele e tê-lo-ia escorraçado. Mas ele seguiu o Abençoado Elua, que disse, *ama à tua vontade*. Perguntei-me se ele temeria, o poderoso Kushiel, esta sua descendente que tão fogueiramente se incendiava. Elua e seus Companheiros não querelavam entre si; não eram para eles os ciúmes dos outros deuses. Não, mas cada um deles clamou a sua província em Terre d'Ange, e a deteve exclusivamente. Cada um deles salvo o Abençoado Elua, que governava sem governar, vagava e amava, e Cassiel, que permaneceu a seu lado e apenas cuidava de Elua.

Os outros — Kushiel, Azza, Shemhazai, Naamah, Eisheth e Camael —, seriam eles ciosos dos seus tronos imortais, na Terre

d'Ange-que-jaz-no-além? Porventura seria assim. Assim era, entre outros deuses, noutros lugares. Postada no coração do desgosto de Asherat, eu sabia ser isso verdade. Os mortais conquistam e chacinam; os deuses elevam-se e caem. Os jogos que jogamos no tabuleiro da terra ressoam através da abóbada celeste.

Melisande sabia-o.

Eu carregava a marca do Dardo de Kushiel.

Os meus pensamentos perseguiam-se mutuamente, num rodopio. Tentei rezar; a Kushiel, a Naamah, meus imortais patronos; ao Abençoado Elua, que é senhor de todos nós. Mas a ira esmagadora do desgosto de Asherat dispersava-me as ideias, apartando de mim o consolo da oração.

Não houvesse eu sido eleita para alguma coisa, estaria morta agora, tão seguramente como Remy e Fortun. Mas para quê? Para malograr Melisande escolhendo o não, negando-lhe o ensejo de vergar o Dardo de Kushiel? Ou para lhe fazer frente, e ousar ganhar coisa maior?

Ela seria cautelosa; ela seria muito, muito cautelosa. As minhas chances de derrotar os seus planos eram praticamente inexistentes.

Praticamente.

E o jogo mais fundo que ela jogava? Não sabia. Chegado o fim do meu dia de graça, não estava mais sabedora. Olhei através da janela, cismando, enquanto os raios do sol poente ensanguentavam as águas. Desejei que Hyacinthe ali estivesse comigo então, para me falar a *dromonde*. Não que o fizesse; jamais o faria, para mim. Por medo, a princípio. Sua mãe predissera que eu lastimaria o dia em que tivesse a resposta que buscava, para o mistério de Delaunay. Estava certa, pois fora o dia da sua morte. Depois disso, Hyacinthe dissera que não podia ver, pois que o curso da minha vida tinha demasiadas encruzilhadas. Verdadeiramente, jazia numa bem sinistra agora. Ainda assim, desejei que ele estivesse comigo. O meu único verdadeiro amigo, chamava-lhe eu. Até mesmo Joscelin, amarrado pelo seu voto, não provara ser tão verdadeiro.

Só o amor nos ligara a Hyacinthe e a mim.

E ele estaria perdido, também, se eu dissesse não a Melisande. Por mais ténue que fosse a minha esperança de descobrir maneira de quebrar o seu *geis*,¹ ela morreria aqui comigo em La Dolorosa. Se eu dissesse sim... coisas que ler, se desejares, dissera Melisande. Poderia continuar

¹ Na mitologia celta irlandesa, *geis* (plural, *geasa*) é um feitiço mágico, em geral imposto por uma mulher, que pode ser comparado a uma maldição, ou, paradoxalmente, a um dom. (N. da T.)

à procura. E não havia nada, *nada* que ela pudesse fazer a Hyacinthe, o que me dava uma certa sombria satisfação.

Mas havia Ti-Philippe... e Joscelin.

O meu Cassiline, que me deixara. Odiava-o por isso; odiava-o e desesperava, pois poderia ter sido essa a coisa que lhe salvara a vida. Mas deixara-me despojada, genuinamente só. Eu fora mais forte com ele a meu lado, o meu Companheiro Perfeito. Ele emprestara-me a coragem e fortaleza de atravessar a vastidão skáldica no Inverno, e quando Ysandre me rogara que fosse até Alba, deixara a própria Irmandade Cassiline para seguir a meu lado.

E depois deixara-me a mim.

A luz na água esmoreceu para malva, e Tito veio com a minha refeição da noite, olhando atormentado para o meu rosto, o meu vestido manchado de sangue, e induzindo-me a comer antes que a luz se fosse de todo. Assim fiz, finalmente, ainda que só para lhe apaziguar a aflição. Se escolhesse o não, se ficasse, a sua bondade tosca seria a única centelha na minha vida. Assim continuaria?, perguntava-me eu. Se a interdição de Melisande fosse levantada e o carcereiro-mor desse liberdade aos seus homens para me usarem como brinquedo, estaria Tito entre eles? Simples e bondoso, sim, mas homem, e confinado a este rochedo. Imaginei Malvio mostrando-lhe o que fazer, com o seu sorriso rasgado, e estremei.

O pior de tudo... nem queria pensar.

Agradei a Tito quando me tomou de volta o tabuleiro, fechando a porta atrás de si. Era difícil divisar formas por essa altura. Fui tateante até ao balde de água para beber, racionando a água que consumia para poupar um pouco e lavar o rosto. O cabelo na nuca estava rijo de sangue seco, mas não tinha água bastante para lavá-lo. Humedeci os dedos o bastante para o arredar para o lado, tocando a ferida com cuidado. Havia coagulado bem a toda a volta, pensei, começando a sarar. Mais da discutível misericórdia de Kushiel, mantendo-me sã para suportar novos tormentos.

Com o cair da noite veio um vento intermitente e nuvens corridas, obliterando as estrelas. Acordada, quedei-me agarrada às grades da minha janela, enfrentando o negrume absoluto e sentindo a brisa morna na pele. O desgosto de Asherat gemia no vento e no mar revolto. Separei os fios sonoros dos meus vários companheiros de cela, encontrando uma nova voz entre eles, ou quiçá apenas uma nova fase de demência. Este era um grito profundo num tenor crescente que alcançava determinada nota e se desfazia num gorgolejo gutural; o Uivador, assim o

nomeei. Pus-me à escuta dos outros, contando-os, e não ouvi o Vociferador, embora a voz do Suplicante se encontrasse entre eles, uma infundável ladainha de súplicas.

Bem, pensei, quiçá fossem diferentes o tempo todo, e o Vociferador se houvesse tornado o Uivador. Podia ser que este Uivador fosse um novo prisioneiro, mas escutei melhor e decidi que não, que os sons estavam demasiado longe de ser humanos. Um antigo companheiro de cárcere com nova voz, então. Uma nova fase de demência.

Fiz o caminho de volta para o meu catre às apalpadelas, perguntando-me, que voz terei eu quando soçobrar? De Arengadora, quiçá. Gostaria de pensar que manteria uma linguagem inteligível, pelo menos durante um bom tempo. Mais do que os outros, provavelmente. Levaria muito tempo, para que a Eleita de Kushiel esquecesse inteiramente o que significava ser-se humano. *Não são como nós, que não podemos esquecer.*

Quiçá jamais o faria, até morrer.

Não me parece que me falte coragem, embora, admitidamente, se trate da minha própria natureza. Não sou guerreira nenhuma, para enfrentar o aço em riste no campo de batalha, mas é verdade, o que considere anteriormente; já enfrentei sinistros destinos antes. Se tive medo, se rezei e implorei que fosse diferente, ainda assim, fui. Inverno skáldico adentro, direita às presas do Estreito, direita às mãos de Waldemar Selig. Não era covarde nenhuma.

Mas este destino não podia eu enfrentar.

Assim seja, pensei, sentada só na escuridão. Isto não posso eu fazer. Que o Abençoado Elua tenha misericórdia de mim, mas antes ser a criatura de Melisande do que uma coisa destroçada numa cela de prisão. Pelo menos isso dava-me uma chance, uma frágil, mortal chance, mas uma chance mesmo assim. Aqui, nenhuma me restava.

Fizera a minha escolha.

Tomada a decisão, senti-me de algum modo mais calma, e por fim fui capaz de rezar. Rezei durante muito tempo, a Elua e seus Companheiros, todos eles, que me protegessem e guiassem, e, acima de tudo, que me dessem forças para não trair os meus próprios companheiros. E se alguma probabilidade houvesse, qualquer probabilidade que fosse, de Ti-Philippe e Joscelin estarem vivos, de poderem ainda agir contra Melisande e Benedicte, que os meus lábios permanecessem selados. Ela seria cautelosa, mas pressionar-me-ia; deixava-a desconfortável, saber que eles lhe haviam escapado. Pois muito bem, deixar-me então servir de distração viva, fosse qual fosse o custo, fizesse ela o que fizesse. Que a minha dor expiasse as mortes que causara.

Deixar-me manter o silêncio. Deixar-me ser o sacrifício.

Era melhor que isto.

Quando terminei, senti-me em paz pela primeira vez desde que contemplara Melisande, e a despeito do lamento enlouquecedor do desgosto de Asherat, a despeito dos gritos e uivos dos outros prisioneiros cavalgando os ventos nocturnos, pousei a cabeça no catre e dormi profundamente.

Foi a gritaria que me acordou.

Acordei num instante, o coração martelando, recompondo-me e agachando-me no catre. Nem vento nem mar, isto, nem demência de prisioneiros; não. O som ecoou-me na memória, recordando-me outros similares. Homens, gritando; comunicados e ordens urgentes. Ouvira-o pela última vez no Fortesul, entre os Imperdoáveis, quando o Capitão Tarren d'Eltoine enviara cavaleiros para norte a buscar os guardas de Troyes-le-Mont. Era o som de uma guarnição, só que uma guarnição despertada em alvoroço. A chama de uma tocha cortou a escuridão diante da minha estreita janela, uma voz gritou em Caerdicci.

E através da pesada porta da minha cela, ouvi passos velozes no corredor, o som de chaves chocalhando, portas abrindo-se e fechando-se com estrondo.

Estavam a controlar os prisioneiros.

La Dolorosa estava a ser atacada.

Mal tivera tempo para pensar nisso quando a minha própria porta se abriu de rompante, e o súbito clarão de uma candeia me fez esboçar uma careta. Escudei os olhos com uma mão, divisando a silhueta do carcereiro no preciso momento em que ele ia fechar a porta, satisfeito por me ver bem presa.

— Fabron, por favor! — A minha voz sobrepôs-se aos meus pensamentos, suplicante. Ele vacilou, e eu levantei-me do catre num movimento gracioso, usando toda a arte da Corte da Noite. — Por favor, não me direis o que se passa? — implorei eu, abrindo ambas as mãos. — Ouvi gritar, e assustei-me!

Ele vacilou, depois fez chacota. — Pois, d'Angeline, és boa demais para olhar para mim, até te sentires assustada, hein? Julgas que te protegerei, quando nem sequer me é permitido tocar-te?

— Por favor. — Não tive de fingir um tremor na voz. — Se ao menos me disserdes, eu... eu deixar-vos-ei, juro. Não direi uma palavra.

O medo e a obediência estavam fortemente inculcados nele; mesmo então, fez uma pausa antes de dar dois passos lesto para dentro da minha cela, fechando a porta e pousando a lanterna. Alumiado

de baixo, o seu rosto estava sobrenaturalmente envolto em sombras. — Deixa-me lá ver, então — disse Fabron numa voz rouca. — Apres-sa-te.

Sustendo-lhe o olhar, fiz deslizar o largo vestido de lã pelo ombro esquerdo abaixo. A linha do decote descaiu, deixando a nu um seio. Ele emitiu um som gutural e deu um passo em frente, de braços estendidos para mim.

Não está na minha natureza ser violenta. Matei um homem, em defesa própria, e implorei-lhe que não me forçasse a fazê-lo. Harald o Imberbe, chamava-se ele; um cavaleiro da herdade de Gunter. Fora bondoso para mim, e dera-me a sua capa. Mas cavalgara em minha perseguição, pela honra da sua herdade, e teria chacinado Joscelin e arrastado-me de volta para Selig.

Fazemos o que temos de fazer.

O que fiz a Fabron, qualquer criança maior de sete anos na Corte da Noite sabe fazer, à força de escutar os mexericos dos adeptos. Certo e sabido, teria acarretado uma severa punição, mas isso sabíamos nós. Quando os seus dedos me roçaram a pele, levantei um joelho lesto com força, bem no meio das suas pernas. Ouso dizer que anos de dança e acrobacias ajudaram; foi um golpe sólido, e em cheio. Fez um som medonho, Fabron fez um som medonho, agudo, dobrando-se em dois e levando as mãos crispadas entrepernas. Não me pude dar ao luxo de sentir culpa ou piedade; rodopiei, ainda sem pensar, e agarrei no banco de madeira, erguendo-o num arco pronunciado para lhe dar com ele na cabeça inclinada.

Atingiu-o na têmpora com um baque surdo, e ele caiu. Imóvel, permaneceu deitado no chão da cela. Respirando pesadamente, deixei cair o banco e puxei o vestido para cima para me cobrir, depois pus-me à escuta.

À distância, persistia uma gritaria confusa. Fui até à porta, encostando o ouvido à madeira maciça. No corredor, nada.

Retornando ao corpo inerte de Fabron, tacteei por baixo dele e encontrei-lhe o chaveiro no cinto. Já era visível uma contusão na sua têmpora, mas tinha a respiração constante. Peguei nas chaves e na lanterna. Tive de tentar várias vezes até encontrar a chave da minha cela; depois lá encontrei, e a porta abriu-se para o corredor escuro.

Emergi, trancando cuidadosamente a porta atrás de mim, com Fabron lá dentro.

O corredor estava silencioso e vazio, a lanterna projectando sombras ferozes nas paredes de pedra ao abanar-me nas mãos trémulas.

Doze portas de carvalho revestido de latão, todas trancadas numa fiada.

Não podia deixá-los.

A minha era a terceira a contar do fim. Fui até à primeira, experimentando desesperada uma chave atrás da outra, até que se abriu... e dei com a cela vazia. Tentei a seguinte, perdendo segundos preciosos, apenas para dar com o mesmo resultado, uma cela vazia, oito passos por oito, sem um catre sequer. Passei para lá da minha porta — nem um som ainda, Fabron ainda sem acordo de si — e tentei a quarta porta.

Vazia.

Praguejando baixinho, debati-me com o ruidoso chaveiro de ferro, procurando a chave da quinta porta. Por fim encontrei-a; servia, a porta abriu-se.

Percebi pelo fedor que esta estava ocupada.

O que eu vi naquela cela, não gosto de recordar. Uma figura de homem ou algo parecido, agachada junto à parede por baixo da janela, rabiscando nas pedras com longas unhas recurvadas. Voltou-se para a luz com uma lamúria, levantando o antebraço para escudar os olhos, mostrando os dentes num esgar. O cabelo estava a ficar encanecido, embaraçado e baço de longos anos de incúria. Dei um passo atrás no limiar da porta, sustendo a lanterna bem alto para me alumiar o rosto e mostrar que não era carcereiro nenhum.

— Estais livre — disse suavemente em Caerdicci. — Embora não saiba por quanto tempo. Alguém está a atacar a fortaleza. Ficai se assim desejardes, ou ide se vos arriscardes. Sois livre de escolher.

Ele baixou o braço e perscrutou-me, pestanejando. A sua boca mexeu-se, mas não emitiu qualquer som humano. — Qu... qu... qu...?

— Não sei — disse eu. Fosse o que fosse que ele procurava perguntar, não tinha resposta. — Apenas posso oferecer uma chance. Tomai-a ou não, e que o Abençoado Elua vos guarde.

Engolindo com força face ao horror daquilo, apressei-me para a cela seguinte e seguinte, o medo e a bília subindo-me à garganta. Libertei-os a todos naquela noite, aos meus companheiros de cárcere, aos carpideiros cativos de Asherat. Praticamente cada cela era tão má como a primeira. Alguns, reconheci-os logo. O Martelador estava postado à janela, batendo com a fronte negra de contusões contra as grades — era esse o som que eu escutara durante noites sem fim. O Suplicante fora o que menos tempo passara ali, depois de mim. Pôs-se de pé bem direito, pestanejando de olhos arregalados face à luz. Homem de jovem idade, de nem trinta anos; o cabelo crescera-lhe apenas até aos ombros. — Por

favor? — perguntou a medo. — Juro, a adaga não era minha, juro, meu senhor! Deixai-me ir ao menos, e eu o provarei, trar-vos-ei o homem que o fez. Por favor, meu senhor? Por favor?

— Sois livre de escolher — murmurei, agoniada, repetindo a minha ladainha. Já o dissera por seis vezes; faltavam oito antes que chegasse ao fim. Ao longo de todo o corredor, as portas de carvalho revestido de latão das celas jaziam abertas de par em par, bocas escancaradas expelindo o fedor a excrementos e imundície e o fragor compassado do mar lamentoso, trespassado por gritos distantes. Algures, lá em cima, pude ouvir o som de passos correndo.

Mas o corredor permanecia vazio, à exceção de mim; e silencioso. Todas as vozes deles se haviam emudecido.

Não podia forçá-los a sair, não podia forçá-los a escolher, quando não sabia o que se passava. Fizera tudo o que podia. Vergando-me pela cintura, pousei a lanterna no topo do corredor, deixando-a a alumiar as paredes vazias. Deixá-los ter isso, ao menos, pensei.

Era mais seguro para mim mover-me na escuridão, ainda que não soubesse para onde ir. Passara-se muito tempo, desde que empregara as artes físicas da dissimulação nas quais Delaunay me adestrara, mas não me esquecera. Um corpo na sombra tem menos probabilidades de ser visto. Os observadores iluminados deixam-se encadear pela luz; sempre, sempre, ficar na sombra.

Envolvendo as chaves de Fabron numa dobra do vestido para abafar o seu chocalhar, dirigi-me até à base das escadas que conduziam para fora da masmorra.

QUARENTA E SEIS



Durante longos momentos quedei-me agachada à escuta no topo das escadas. Ouviam-se vozes algures no outro lado da porta, abafadas pela distância. Procurei lembrar-me da planta da fortaleza pelo único vislumbre que tivera dela. Teria falhado miseravelmente estivesse Delaunay a interrogar-me sobre o assunto; entorpecida do abalo e desejando apenas morrer, pouca atenção prestara. Ainda assim, não me lembrava de haver nenhum guarda à porta.

Tinha de arriscar. Experimentei o manípulo, e descobri que estava trancada.

Pois muito bem, deveria haver uma chave no chaveiro de Fabron. Tirei-o da dobra do vestido em que estava envolto e escolhi-as pelo tacto à luz fraca da lanterna no corredor atrás de mim. Havia três maiores que as outras, e uma mais pequena. Experimentei uma das maiores, depois uma segunda, e essa destrancou a porta. Envolvendo-as uma vez mais numa dobra do vestido, manobrei o manípulo e abri uma fresta da porta, espreitando pela abertura.

Não havia grande coisa que ver, e pouca luz para fazê-lo. Uma sala de guardas sem vivalma, ao que parecia, com um banco ao longo da parede visível através da fresta e uma braseira a carvão vazia. Ouso dizer que as celas se tornavam frias e húmidas no Inverno; o compartimento devia servir para os carcereiros aquecerem as mãos entre idas e vindas lá de baixo. As vozes que eu ouvira vinham do lado de lá da sala de guardas.

Não havia outra coisa a fazer, pensei, e deslizei cautelosamente através do limiar da porta, deixando-a um tudo-nada entreaberta atrás de mim. Estranho, ouvir o rugir incessante do mar por fim emudecido.

Para lá da sala de guardas ficava o que teria sido o salão nobre em qualquer outra fortaleza daquele tamanho. Apenas umas quantas tochas o alumiam, e essas com chamas baixas. Espreitei cautelosamente pelo vão da entrada abobadada. Um fogão numa ponta, frio e desolado, e uma mesa comprida; apenas umas poucas cadeiras. Havia um corredor em cada extremidade. Da entrada da ponta direita vinha a luz de candeias e o som de vozes.

A outra estava mergulhada na escuridão, mas foi daí que ouvi passos correndo. Recolhi-me nas sombras no momento em que um carcereiro apressado assomava, os tacões das botas ressoando pelo salão. A luz difusa cintilava-lhe no elmo e corselete de aço, e trazia uma lança curta numa mão.

A falta de conhecimento é mortal. Deixei a sala de guardas e segui-o, mantendo-me na sombra. Ainda que não soubesse mover-me silenciosamente, os meus pés nus não produziam qualquer som nas lajes frias de pedra.

O corredor bifurcava-se, uma passagem mais larga conduzindo para a esquerda, uma mais estreita em frente. De um compartimento à direita no corredor estreito coava-se luz, e era daí que vinham as vozes. Sentindo-me terrivelmente exposta, acerquei-me devagarinho o bastante para escutar.

— ...nenhuma resposta da torre de vigia, meu senhor carcereiro-mor! — reportava o carcereiro que eu seguira, um laivo de urgência na voz. — Demos o sinal três vezes, senhor, conforme ordenado!

A voz do carcereiro-mor, enfática e implacável. — E na ilha?

Um profundo inspirar. — Nada à vista, senhor. Está demasiado escuro para divisar o solo, sequer.

Fez-se uma pausa antes que o carcereiro-mor tornasse a falar. — Passai a ilha a pente fino. Duplicai o número de tochas; não há muitos lugares onde um intruso se possa esconder. Gitto, dispensa quatro homens para guardarem a ponte deste lado, e leva quatro para o lado de lá e assegura a torre de vigia. Faz sinal quando lá chegares. Balbo, põe-te de sentinela na torre, e alerta-me no momento em que o fizerem. — Silêncio, e então a sua voz elevou-se uma nota. — Que esperais? Ide!

Eu não contara com a sua ordem; quando a deu, retirava-me eu furtivamente para o canto. Contornando agachada a esquina para o

corredor mais largo, alcei as saias demasiado longas do meu vestido imundo e corri, o medo emprestando-me asas aos pés descalços.

E vi, à minha frente, a sombra, projectada por uma tocha, de uma figura assomando de outro corredor lateral.

Havia um pequeno recanto contendo uma estátua de Eshmun num plinto de mármore negro; um mancebo sorridente coroado por uma grinalda de trigo. Não tive outra escolha. Sussurrando uma prece de perdão para a divindade chacinada, esgueirei-me lá para dentro, aninhando-me agachada à sombra do seu plinto.

Passos lestos soaram no salão, um matraquear de madeira. Não ousei olhar, mantendo a cabeça baixa não fosse o meu rosto ser iluminado. Lanças, pensei, ou tochas; algures de um depósito. Concentrado na sua tarefa, o guarda passou por mim sem me ver, e ouvi o som uniforme dos seus passos desaparecendo no corredor.

Não poderia retornar por ali. O que haveria para diante? Depósitos e que mais? Esforçando-me por fazer sossegar o coração disparado, concentrei a minha atenção, apurando os ouvidos. Tola que sou, quase esqueci o meu próprio conselho e ignorei os meus outros sentidos. Focada em escutar sons de perigo, murmurei uma imprecação silenciosa face ao odor por demais pronunciado de cebola acabada de descascar oriundo de algures à minha frente.

Cebola. A cozinha. Soubera por Tito que os carcereiros cozinhavam à vez, bem ou mal. A guarnição alimentava-se de víveres fornecidos como tributo pelos continentais; os prisioneiros comiam o que sobrava.

Se havia lugar na ilha que estivesse deserto nessa noite, era a cozinha.

Pus-me à escuta, e encontrei o corredor sossegado. Oferecendo um agradecimento silencioso a Eshmun pela sua protecção, pus-me em pé e deslizei de trás da sua estátua. Mantendo-me o mais possível na sombra, apressei-me ao longo do corredor, seguindo o odor a cebola.

A cozinha não ficava longe, situada à esquerda ao fundo do corredor. Era ampla e escura, apenas alumiada pelas brasas do forno, a porta do qual estava entreaberta. Uma pequena pilha de gravetos e lenha jazia no chão a seu lado, abandonada. Um monte de cebolas grosseiramente cortadas jazia sobre a bancada, e uma fiada de salsichas, parcas para guarnição e prisioneiros. Uma refeição, adivinhei, para os guardas provenientes do primeiro turno da noite de sentinela à ponte.

Só que alguém atravessara a ponte, ou eles não andariam a passar a ilha a pente fino.

Não me parece, mesmo então, que ousasse ter esperança. Fosse o que fosse, quem quer que fosse, como quer que fosse — eu atravessara a

ponte para La Dolorosa, bamboleando sobre o mar assassino, enquanto as sentinelas aguardavam no fim, os machados de mão a postos sobre as cordas de cânhamo. Não lograva imaginar alguém a atravessá-la furtivamente. Parte do caminho, quiçá; porventura metade ou um pouco mais, mas não havia maneira de atravessá-la toda sem se ser visto. Por isso não ousei esperar ou sequer fazer planos, apenas busquei, qual criatura acuada, uma via de escape.

À luz mortiça das brasas, explorei a cozinha. Tresandava a cebola crua e aos odores rançosos de mil refeições passadas. Havia chaleiras e panelas, um conjunto de facas, e uma pilha dos tabuleiros usados para levar comida aos prisioneiros. Nada mais. Para lá de um arco baixo ficava a despensa. Aqui não penetrava qualquer luz, e fui forçada a explorá-la às cegas. Pedacos de toucinho curado em sal estavam suspensos do tecto, facilmente detectáveis pelo cheiro. Havia sacas de cereais empilhadas ao longo das paredes, lentilhas e farinha grosseiramente moída. Encontrei cestos com beringelas, de pele macia e firmes ao toque, e outro com abóboras maduras. Não comia assim tão mal, a guarnição de La Dolorosa, embora, pelas sobras que me serviam, não pudesse abonar grandemente a favor dos seus dotes culinários.

Pois muito bem, estava rodeada de comida. E então? Estava segura, e tão acuada como antes. Dado que nada mais havia a fazer senão arrear caminho e enfrentar os guardas, ateii as chaves de Fabron numa dobra do vestido e comecei a dar a volta à despensa, evitando pilhas de mantimentos, tacteando ao longo das paredes frias de pedra com ambas as mãos.

Foi por um fútil sentimento de obrigação que o fiz, e não por um real pensamento de encontrar alguma coisa que servisse as minhas necessidades. Razão por que, quando as minhas mãos encontraram madeira tosca em vez de pedra, estaquei de incredulidade.

Juro que me quedei um bom minuto assim antes de me mover, sentindo cautelosamente com as pontas dos dedos a forma arqueada de uma janela coberta por batentes de madeira maciça, revestidos de latão e firmados por uma barra de ferro com cadeado. Um postigo de serviço, pensei, para o exterior. Era por aqui que os produtos entravam na despensa.

Era grande bastante para deixar passar uma saca de cereais. Eu caberia nele.

Os dedos tremiam-me ao desfazer a dobra atada do vestido e remover as chaves de Fabron, procurando a pequena às apalpadelas. Tinha de ser essa! Com os lábios movendo-se numa prece silenciosa, en-

fiei a chave no cadeado. Foram-me necessárias três tentativas, de tanto me tremer a mão.

Mas servia.

Com um ligeiro clique, o cadeado abriu-se. Removi-o cuidadosamente e baixei-me para o pousar no chão. Com agonizante lentidão, retirei a barra e encostei então o ouvido aos batentes de madeira, à escuta.

Do outro lado, pude ouvir o furor do mar, e nada mais. Não tinha forma de saber senão tentando. Quão pior poderia ser, se me apanhassem?

Muitíssimo. Bem o sabia já. Mas isso aconteceria de qualquer maneira. Engolindo o medo, abri os batentes.

Um sopro de ar nocturno entrou e o lamento desgostoso de Asherat encheu-me os ouvidos. Na escuridão mais além, vi os clarões de tochas movendo-se aqui e ali pela ilha, a dois e dois. Demasiado longe para que vissem, pensei. Uma tocha projecta um halo de luz de uns quinze pés de diâmetro, quiçá; não mais. Para além do círculo luminoso, o seu portador nada vê. O céu nocturno estava nublado, nem lua nem estrelas que me denunciassem. Ainda que olhassem — e não o fariam, pois buscavam um intruso, não prestando atenção à fortaleza —, nada veriam.

Tudo isto sabia eu ser verdade. Ainda assim, foi uma coisa aterrorizante, esgueirar-me pelo postigo, tornar-me vulnerável, saltando, exposta, para o caminho de pedra lá em baixo. Por um momento, agachei-me simplesmente junto à parede da fortaleza, respirando pesadamente.

Não podia ficar ali. Acima de mim, o postigo de serviço jazia escancarado, uma brecha esperando ser descoberta. Arrumei ideias, avaliando a minha posição. Estava do lado da fortaleza que dava para o interior da ilha, mais afastado dos penhascos. À minha esquerda ficava a parte de trás da fortaleza; à minha direita, a parte da frente, e o caminho íngreme rochoso até à ponte.

Era nessa direcção que a maior parte das tochas estavam concentradas, e débeis gritos ocasionais ouviam-se acima do ruído do mar. Esforcei-me por escutar o tinido de armas, e nada ouvi. Bem, pensei, se não posso ir por ali, terei de dar a volta, e rezar por uma aberta. O que quer que se tenha passado, não deram com o intruso. Alguém tomara a torre de vigia no continente, isso sabia eu; se os homens do carcereiro-mor a haviam reclamado ou não, não sabia. Se é que não o tinham feito... havia uma chance.

Tinha de alcançar a ponte. Nada mais me restava.

Quando éramos crianças, Delaunay estabelecia percursos para mim e para Alcuin, labirintos que tínhamos de percorrer de olhos vendados, até que nos pudéssemos mover silenciosamente e com presteza no escuro. Sonhava então em explorar os alojamentos de algum abastado patrono durante o seu sono, procurando sabe Elua que sinistros segredos. Jamais usei esses dotes, então, mas usei-os agora, contornando a base da gigantesca fortaleza.

Quanto tempo levei a fazê-lo, não saberia dizer. Pareceu-me uma eternidade, embora ouse dizer que não levou mais que o tempo de aquecer água para um banho. Por uma vez um par de guardas passou junto de mim, forçando-me a recuar silenciosamente para lá do duplo círculo que as suas tochas projectavam. O solo vulcânico da ilha era bem aguçado, ferindo-me dolorosamente as plantas nuas dos pés, mas mordi o lábio e mantive o silêncio, deixando que a dor me apurasse a concentração.

Por vezes é uma vantagem ser uma *anguisette*.

Os guardas estavam nervosos, podia percebê-lo nas suas vozes baixas. — ...avô viu-a, e jamais tornou a articular palavra — murmurava um deles. — Se queres saber, nada *humano* poderia atravessar aquela estuporada ponte sem ser visto.

— Pascal viu-a — disse o outro abruptamente. — A coisa desapareceu a correr antes de acabar com ele, e ainda estava vivo quando Gitto o encontrou. Morreu a tentar dizer o que vira. Não viera por *sobre* a ponte, rastejara por *baixo* dela.

— Isso mesmo, que nem uma estuporada aranha gigante! — retorquiu o primeiro. — Digo-te eu, seja o que for que procuramos, não é humano. Nenhum homem poderia fazê-lo.

Agachada no escuro, mal ousando respirar enquanto eles desapareciam do meu alcance, procurei imaginar a coisa — rastejando por *baixo* daquela ponte mortal, agarrando-se à parte inferior, dedos das mãos e dos pés fincados entre as traves unidas por nós, avançando uma torturante trave de cada vez, suspensa de cabeça para baixo nos ventos uivantes, por sobre o caldeirão fragoroso de mar e rochas... quem sonharia sequer tentar tal coisa?

Eu apenas conhecia uma pessoa.

Joscelin.

Não ouses ter esperança, disse de mim para mim, vendo as tochas desaparecerem à distância; não penses nisso sequer! Era demais, por demais impossível. Como poderia ele haver sequer descoberto onde eu estava? Devia ser outra coisa qualquer, algum golpe político, inimigos

de Marco Stregazza desferindo um ataque contra um dos seus baluartes. Quem sabia que intrigas haveria por trás dos outros prisioneiros de La Dolorosa? Era isso certamente, e eu não ousava sonhar o contrário.

E contudo não podia deixar de fazê-lo. A esperança, débil e trêmula, ganhava-me alento no coração. Reforçou a minha determinação e emprestou-me nova coragem ao escolher um caminho em torno da fortaleza cercada de trevas para alcançar o lado dos penhascos. Ali, ao nível do solo, ficavam as estreitas janelas gradeadas das celas, espreitando através do penhasco rochoso para o mar. Uma débil luz emanava delas, mas nenhum som de todo. Ajoelhei junto à primeira e olhei lá para dentro.

Estava vazia. Estavam todas vazias, mesmo a minha, que reconheci pelos excrementos no chão do lado de fora da janela, onde alimentara as gaivotas. A luz provinha do corredor para lá das portas abertas das celas, onde eu deixara a lanterna. Levantei-me e afastei-me das janelas das celas, rumo à sombra mais escura da parede da fortaleza.

O vento de Asherat soprava mais forte aqui, gemendo-me aos ouvidos. O lado do mar estava deserto por agora; não havia qualquer esconderijo entre a fortaleza e os penhascos. Podia sentir a rocha tremer-me sob os pés descalços com o impacto das vagas. Então Fabron estava livre, e sabiam que eu me escapara.

Onde estariam os outros prisioneiros?

Quedei-me imóvel, apurando os ouvidos face ao vento atroador. Acolá, sim; lá para diante, podia ouvir débeis gritos açoitados pelo vento e o tinir de armas. Deslizando velozmente ao longo das janelas baixas, fui avançando.

Não tinha ido longe quando a batalha veio até mim.

Fosse em que altura fosse que os prisioneiros de La Dolorosa se fizeram aparecidos, é quase certo que apanharam a guarnição desbaratada. Ninguém que servisse naquele lugar não podia deixar de estar por si só assombrado de espectros; devia tê-los deixado abalados, este irromper de oito aparições descarnadas e descabeladas, levadas a um furor de loucura que nenhum medo conhecia.

Foi uma escaramuça que transbordou da esquina, plena de confusão e pânico. Pelo menos metade dos prisioneiros estavam armados, com lanças curtas arrancadas à força aos primeiros guardas que haviam encontrado. Ouso dizer que toda a guarnição de La Dolorosa não perfazia mais do que trinta ou quarenta homens quando muito, e apenas um punhado fora dispensado de guarda à fortaleza propriamente dita.

Outros haviam sido mandados passar a ilha a pente fino, e foram

esses que vieram a correr, numa torrente de tochas, alumando a inacreditável cena. Fulcros de violência rodearam os prisioneiros, que lutavam de dentes arreganhados e munidos de armas roubadas quando as tinham; mãos nuas e fúria demencial quando não tinham, cedendo terreno lentamente. A despeito da sua superioridade numérica e de armamento, não foi tarefa fácil para os guardas, estorvados de tochas como estavam; e a escuridão favorecia os prisioneiros com os seus olhos acostumados à noite.

Ainda assim, não podia durar. À medida que acorriam mais e mais guardas, os prisioneiros mais recuavam. A figura descomunal de Tito apareceu, abatendo-se sobre a confusão. Abrindo mão da lança, carregava uma tocha do tamanho de um barrote, agitando-a em arcos poderosos, largando chispas e crepitando de tal modo que podia ouvi-la por sobre o rugir do vento. Deveria fugir, bem sabia; arrear caminho em torno da fortaleza, ousar o outro lado e ver se a ponte estaria por acaso sem guarda.

Com efeito, um dos prisioneiros brandia um machado de mão, quiçá arrancado à força às sentinelas. Era o Suplicante, que reconheci pelo cabelo até aos ombros. Não suplicava já, esboçando, sim, uma careta, desferindo golpes furiosos contra o par de guardas que o forçavam a recuar, passo a passo, direito à orla do penhasco.

Eu não podia fugir. Libertara-os; conduzira-os a este fim. Tal como com Remy e Fortun, não logrei desviar os olhos. Vi por entre lágrimas o Suplicante brandir o machado, arquejante, incapaz de fugir ao alcance das lanças dos guardas.

E vi, à luz trémula das tochas, uma mão estender-se por sobre a orla do penhasco atrás dele.

Era difícil divisar a figura que se seguiu, içando-se para cima e rolando, com roupas escuras e encapuzada, agachando-se em posição de luta. Não importava. Eu sabia. Antes que as lâminas gémeas de aço relampejassem diante dele, antes que ele rodopiasse, abatendo um guarda com graça mortal, antes que o segundo tentasse agarrá-lo em vão, apenas logrando fazer-lhe cair o capuz e revelando o cabelo louro como o trigo cintilando na luz bruxuleante; eu sabia.

Algo no meu coração cedeu; um muro de desespero e solidão há muito erigido, numa noite chuvosa em Montrève, quando ele viera do jardim. E em seu lugar vieram júbilo e alívio, e — ah, Elua! — amor.

Apanhada entre o riso e as lágrimas, avancei para lá das sombras da fortaleza, direita à luz das tochas que inundava o chão de pedra. Ele despachou o segundo guarda, empurrando o Suplicante boquiaberto na

direcção do caminho íngreme para a ponte. Na escaramuça entre nós, os guardas começaram a voltar-se, constatando que enfrentavam nova ameaça por trás.

No momento em que fazia a sua profunda vénia Cassiline, eu gritei o seu nome com todas as minhas forças, afinando a voz para que soasse o mais alto possível acima do vento e do mar.

— *Joscelin!*

Se me ouviu ou não, não cheguei a saber; mas viu-me quando se endireitou. Através da distância, com duas vintenas de guardas e prisioneiros lutando entre nós, os nossos olhos cruzaram-se.

Foi então que senti a ponta de uma lança encostar-se-me à espinha.

QUARENTA E SETE



Não vos movais, senhora — sussurrou-me ao ouvido uma voz em Caerdicci.

Não era voz que eu conhecesse.

Quedei-me firme e senti tomarem-me o braço; Malvio, o que nunca falava. Abriu-se num sorriso para mim, e o seu olhar lúbrico parecia por demais demente. Com a lança apertada contra si, contornou-me, colocando-se entre mim e a possibilidade de ser resgatada. Movi-me cautelosamente, virando-me para o encarar. Podia ouvir ainda os sons de batalha, mas pareciam subitamente muito distantes.

O meu mundo fora reduzido a nós dois.

— Ide — disse Malvio, a voz raramente usada soando quase amigável. Empurrou a lança para mim, e recuei um passo. Ele manteve o seu sorriso rasgado. — Ide.

Recuei mais um passo.

Nada havia atrás de mim senão vinte jardas de terreno rochoso e a orla do penhasco. Eu sabia, fora a minha vista durante dias sem fim. E para lá do penhasco... nada. Era o ponto mais saliente, suspenso sobre o mar revolto.

— Ide. — Malvio empurrou de novo a lança, jovialmente. Quedei-me imóvel e ele fê-lo outra vez, com força bastante para perfurar a lâ grosseira do meu vestido e picar a carne por baixo. — Ide!

Dei outro passo, o terreno rochoso aguçado sob os meus pés nus.

Por sobre o ombro de Malvio, vi a escaramuça avultar-se, Joscelin aprisionado atrás de um matagal de lanças, desviando-se e contorcendo-se. Porventura teria sido diferente, tivesse ele a sua espada; teria encurtado a diferença de alcance. Mas não, ele rastejara por baixo da ponte suspensa. O peso da sua espada teria sido demasiado grande.

Viera resgatar-me com nada mais que as suas adagas. E poderia fazê-lo, também, se lhe fosse dado tempo e ajuda pelo caos.

Os prisioneiros providenciavam o caos. Eu tinha de fazer tempo.

— Seja o que for que quiserdes — disse firmemente para Malvio —, fá-lo-ei.

Isso fê-lo deter-se. Depois abanou a cabeça, com um sorriso rasgado, e deu-me outra cutucada. Recuei mais um passo. — Não — disse ele. — É demasiado tarde. Agora pertences a Asherat.

Atrás de mim o rugir do mar soava cada vez mais alto, e senti uma alteração na forma como o terreno me estremecia sob as plantas dos pés. Um tremor mais profundo, uma vibração oca. Estávamos na saliência suspensa sobre o vazio. Qual seria a distância até à sua beira? Vinte pés? Dez? O vento assolava-me, açoitando-me o cabelo já desganhado num perfeito emaranhado, achatando-me o vestido contra as pernas.

Estava a ficar mais escuro, a uma maior distância da batalha alumada por tochas. Mal podia divisar-lhe o rosto. — Malvio — disse. — Não o façais. Juro-vos, não é a vontade da Asherat. Os seus seguidores traíram-na, os que me puseram aqui.

— Foste posta aqui para morrer — disse ele em concordância, empurrando a lança.

— Não. — Dei lestamente um passo atrás, depois esquivei-me para o lado, procurando contorná-lo. Mas ele era lesto, para um caerdicci, e tinha uma lança. Brandiu-a com força para me barrar o caminho, manobrando por trás. Um distante bruxulear de tocha atravessou-lhe o rosto aberto num sorriso, o olhar vesgo.

— Vai — disse, empurrando.

Eu fui, o mais lentamente que ousava. Para além de nós, vi que o número de guardas se havia tornado mais escasso, mas estavam agora organizados, e um vulto de armadura com um escudo a toda a altura do corpo andava de um lado para o outro ao fundo, gritando ordens inaudíveis.

O carcereiro-mor, pensei. Havia formado os restantes guardas em duas fileiras, de costas uns para os outros; uma, mantinha os prisioneiros ao largo, e a outra, Joscelin. Dois homens estavam postados atrás da peleja, segurando tochas ao alto — um deles era o corpulento Tito. Vi

o carcereiro-mor fazer relampejar o escudo na direcção da torre, e movimento numa janela obscurecida. Um arqueiro, armado de uma besta.

La Dolorosa teria sido mais fácil de defender com verdadeiras trincheiras e seteiras, *meurtrieres* como as de Troyes-le-Mont. Mas teriam ficado todos loucos como Malvio se nelas vivessem assim, escutando os ventos hora após hora. Já era sobremaneira mau para as sentinelas na ponte. Dei outro passo atrás, observando o arqueiro.

Estava demasiado escuro para se ver e demasiado longe; não logrei ver quando ele começou a disparar, curtas pausas entre cada recarregamento. Um dos prisioneiros cambaleou, o cabelo cinza num turbilhão, e então dois soçobraram, e a fileira de guardas que os mantinha ao largo começou a desfazer-se à medida que os prisioneiros se retiravam para fora do alcance das setas.

— Vai — repetiu Malvio pelo que pareceu a centésima vez.

Dei um passo e parei. O vento soprava contra mim e o mar ribombava e gemia, quase por baixo dos meus próprios pés, pelo som. Eu estava quase à beira do penhasco. E aqui era a saliência, uma ponta recurvada escavada por baixo. Eu sabia, vira-a a bordo do *Darielle* naquela fatídica viagem, enquanto os marinheiros assobiavam ao passar pela ilha negra. Aqui não encontraria ponto de apoio a que me agarrar como Joscelin fizera, para me agachar oculta para lá do rebordo do penhasco.

Nada de rochas lá em baixo, apenas o mar. Fraca consolação.

Não estava pronta para morrer.

Malvio empurrou a lança contra mim. No escuro, quedei-me imóvel. Ele empurrou de novo, e desta feita agarrei o cabo com ambas as mãos, por sob as tranquetas que fixavam a ponta da lança, torcendo-o com força, para cima e para longe de mim. Ele foi apanhado de surpresa; ousou dizer que não o esperava. De frente um para o outro no topo do elevado penhasco, lutámos, dois pares de mãos firmemente agarrados à lança.

A minha mão sobre a madeira amaciada pelo uso estava a escorregar. Sorrindo selvaticamente, Malvio torceu a lança, usando o que lhe sobrava em altura e força para ma arrancar das mãos. Tê-lo-ia feito, nuns segundos mais. Sabendo-me perdida, gritei desesperadamente na direcção da batalha. — Joscelin! É obra de Benedicte, de Benedicte e Melisande! Benedicte é o traidor!

Estávamos demasiado próximos da orla, demasiado próximos do mar atoador. Até eu pude ver que as minhas palavras se perderam, arrancadas dos meus lábios pelo vento lamentoso. Malvio rodou a lança para mais longe e deu um safanão. Eu fiz uma derradeira tentativa fre-

nética para segurá-la, as unhas raspando as correias de couro; e depois ficou ele com ela, erguendo o cabo num amplo arco, e batendo-me com força no queixo.

A minha mandíbula fechou-se com um estalido audível e um jorro de dor inundou-me a cabeça. Não tive noção de que caíra até sentir a rocha aguçada sob as palmas das mãos. De gatas, pestanejei contra a dolorosa nuvem de estrelas, trocando-a pela névoa vermelha de Kushiel. Brilhante, tão brilhante! Raios quais chamas toldaram-me a visão, e através das madeixas húmidas de cabelo que me caíam sobre os olhos, vi Malvio, o rosto ainda aberto num sorriso, avançar, erguer a lança com a ponta para baixo, e pôr-se a jeito sobre o meu vulto caído.

— *Não!*

Uma profunda voz caerdicci, urrando de raiva; não Joscelin, não. Outro raio de fogo rompeu a noite e soou uma pancada, de madeira sobre carne. Malvio cambaleou para longe de mim numa cascata de centelhas vermelhas. A lança caiu, deslizando-me inofensivamente com um tinido das costas para as pedras.

Era o meu carcereiro Tito.

Pus-me de pé de um salto a tempo de ver o segundo golpe do meu salvador, quando Tito brandiu a tocha grande como um barrote contra Malvio que recuava. Atingiu-o de lado na cabeça, com outra chuvada de centelhas e um som de esmigalhar que não tinha como enganar. Malvio tombou que nem uma pedra, e não se mexeu. Ao contrário de Fabron, não se levantaria de novo.

Tito voltou direito a mim, uma profunda expressão de pesar no seu rosto simples e desgraçoso.

— Tito — sussurrei quando ele deu um passo na minha direcção, com os olhos fitos de horror além dele face ao que o perseguia. — Ah, não!

Eram os prisioneiros, loucos e enraivecidos, assomando no seu encaço, trazendo a batalha para o penhasco. Jamais soube, até hoje, porque o fizeram eles; se o perseguiam como carcereiro odiado ou se o faziam por demencial gratidão, julgando que ele me ameaçava a mim, que os libertara. Com lanças e machado, puseram-no ao largo e ele manteve-se firme como um colosso, rugindo, esculpindo meio-círculo de espaço à sua frente com grandes golpes da tocha a arder.

— Alto! — gritei freneticamente, acuada atrás dele. — Deixai-o estar!

Debalde. E então a agora desorganizada turba de guardas caiu-lhes em cima por trás, o carcereiro-mor correndo junto deles, abrindo ca-

minho através da confusão e empurrando com o escudo, praguejando e dando ordens que ninguém acatava, e lá atrás de tudo, Joscelin, meio-esquecido, que deitara mão a uma lança que brandia qual varapau, a uma velocidade atordoadora, forçando passagem no meio.

Perto, tão perto.

Vi um prisioneiro cair, apunhalado por trás. Vi outro rodopiar para longe aos gritos, a roupa esfarrapada em chamas, rolando no chão e batendo em si próprio. Vi Joscelin, rosto feroz, agredir um guarda com uma pancada no elmo, virando a lança ao contrário e degolando a garganta desprotegida do homem, sem se deter, movendo-se sempre, mergulhando para diante.

Passou-se tudo como que num sonho.

E então vi o carcereiro-mor, calmo e implacável, puxar um dos guardas para fora da escaramuça, mover-se para a direita do meu gigantesco defensor, e apontar.

Para mim.

Vi o guarda, destituído de rosto na sombra do seu elmo, levar atrás a lança curta e ajeitar a arma para atirar, a ponta directamente assestada ao meu coração. E soube-me encurralada, sem sítio para onde ir. Atrás de mim, nada senão a orla periclitante do penhasco. À minha volta, nada senão o vento ululante. O rosto de Joscelin, virando-se, vendo tarde de mais, um grito de desespero formando-se-lhe nos lábios. Entre nós, Tito, descomunal nas sombras projectadas pela tocha, voltando-se lenta e pesadamente como uma montanha.

O guarda, de braço em riste; o carcereiro-mor, articulando uma palavra.

Uma lança apontada ao meu coração.

Arremessada.

É por demais estranho, como tais momentos se nos gravam indelevelmente na memória. Mesmo agora, se fechar os olhos e escutar a ressaca do oceano contra as rochas, posso vê-lo desenrolar-se numa agonizante lentidão. Joscelin, movendo-se demasiado devagar, demasiado tarde, ainda que os guardas caíssem à sua passagem como palha soprada pelo vento. A concentração do arremessador da lança, apoiando-se no pé dianteiro ao fazê-lo, o arco gracioso do braço que a lançava e a mão aberta ao largá-la, os dedos esticados. A linha potente e direita da lança arremessada, voando-me direita ao coração.

E Tito, mergulhando para se interpor no seu caminho, brandindo a tocha como um bastão.

Soltei um grito, esforcei-me por agarrá-lo por um braço descomu-

nal, desviando-o para o lado; demasiado tarde. Procurando afugentar a lança com uma pancada do bastão, falhou. A lança atingiu-o em cheio, perfurando-lhe a fenda da armadura por baixo do braço. Ampla fenda, num homem tão grande. Foi o impacto que o fez cambalear, abater-se sobre mim, empurrando-nos a ambos para trás para a beira do penhasco, a tocha a arder ainda segura na sua mão frouxa.

Foi o seu peso de moribundo que me levou além do precipício.

Caí.

Através do vento e da escuridão uivante, caí infundavelmente direita ao caldeirão do mar, e, na noite acima de mim, vi a tocha, mergulhando no meu rasto qual estrela cadente.

Até à pancada final, e então nada mais vi.

QUARENTA E OITO



Foi um abalo descobrir-me ainda viva. A pancada da queda tirara-me todo o ar dos pulmões. Nada sentia dos membros, e não discernia o que era cima e o que era baixo; era um negrume absoluto, e apenas a sensação do ar no rosto me disse que havia assomado à superfície.

Viva.

O meu peito inflava-se em vão enquanto me debatia para inspirar, e as ondas revolviam-se à minha volta. Uma rebentou-me sobre a cabeça, puxando-me para baixo. Senti a água encher-me a boca, e percebi que tinha de deixar de tentar respirar; e contudo não logrei fazê-lo. Uma grande pressão, e algures, remotamente, uma dor lancinante. Estariam os meus olhos abertos ou fechados? Não sabia dizer.

Eu sentira ar; ar! Intentei mexer as pernas, sem saber ao certo se obedeciam se não, sem saber ao certo se me impelia para cima se ainda mais para o fundo. Era um perfeito turbilhão, e o mar rugia-me nos ouvidos.

Julguei-me afogada, e depois senti-o de novo; ar, no meu rosto, com um pungente borrifo de sal. E o estrangulamento que sentia no peito cedeu, e inspirei uma lufada sôfrega, arquejante. Por muito que ardesse, era doce. Dei aos braços, sentindo a resistência da água, pensando, por um segundo, que sobreviveria.

E então o mar fez pouco da minha insensatez, assomando-me por

sobre a cabeça, o sussurro aspirado da ressaca na base de La Dolorosa puxando-me para baixo, para baixo. Por todo o lado as vagas rebentavam e recolhiam-se contra os rochedos escarpados da ilha negra, formando um redemoinho. Mais valia ter-me julgado morta; viva, e sabedora disso, lutei desesperadamente contra as águas revoltas. As dobras imersas do meu vestido-prisão de lã envolviam-me as pernas como uma mortalha, pesada da água, arrastando-me qual âncora.

Assim se enterram os mortos, nas profundezas.

Um alento; um só alento. Os pulmões ardiam-me por exalar, e aspirar de novo. Cerrei os dentes face ao ímpeto, sentindo a pressão do mar. Debaixo de água. Um simples desejo, respirar. Fazemo-lo um milhar de vezes por hora, sem sequer pensar. Há vida, não morte, no respirar.

Mas morte debaixo de água.

O peito começou a agitar-se-me involuntariamente com o esforço de reter o ar. Estendi as mãos para fora, tacteando, nada encontrando, batendo futilmente, esperneando. O turbilhão de água puxava impiedosamente por mim, arrastando-me para um lado e para outro, cada vez mais fundo. O furioso troar do mar era medonho, aqui no coração elemental, desenfreado, do desgosto de Asherat. À distância, era um desgosto capaz de enlouquecer. Aqui, no seu coração, era mortal.

Eles sabiam, os antigos Hellenos, que contemplar certas coisas significava morrer.

Esta era uma delas.

Afundei-me, cada vez mais, envolta na minha mortalha de lã redemoinhante. E por baixo das águas revoltas, por baixo da fúria uivante, encontrei o cerne imóvel e silencioso do desgosto. Aqui, nas mais negras profundezas, tudo era nada. Apenas uma insuportável pressão, e a calma certeza da morte. Não podia suportar mais o ardor nos pulmões e expirei por fim, precioso alento, ouvindo-o escapar-se de mim numa sucessão de bolhas, uma última ofensa forjada por carne mortal contra as sagradas profundezas do cenotáfio de Eshmun, marco de uma divindade chacinada, de um filho bem-amado.

Toda a réstia de vida que me permanecia no corpo poderia medir-se por uns débeis pulsares de coração. Ansiava por ar como não ansiara por mais nada na vida; nem pela aprovação de Delaunay, nem pela companhia de Hyacinthe, nem pela consideração de Ysandre, nem pelo amor de Joscelin, não, nem sequer pelo beijo de Melisande. O corpo ardia-me de ânsia, o peito arfando, os músculos estremecendo. Num segundo, dez segundos, deixar-me-ia ir. Abriria a boca e aspiraria profun-

damente; não ar, mas uma golfada de água, enchendo-me os pulmões. Seria o fim, o peso final, para jamais me levantar de novo.

Elua, rezei nos segundos finais que me restavam, Abençoado Elua, perdoa-me, pois deixei-te ficar mal e a todos os que amas! Naamah, tem piedade de mim, pois servi-te bem e com lealdade. Ah, Kushiel, o mais duro dos amos, tem piedade da tua eleita. Tudo o que me pediste, eu fiz; perdoa-me se não foi o bastante.

As minhas preces não obtiveram resposta. Nem mesmo o cruel bater da presença das asas brônzeas de Kushiel me soou aos ouvidos, mas apenas o ténue pulsar do meu débil coração, o sangue latejando-me nos ouvidos, rogando-me um vago adeus. Eu estava muito longe, demasiado longe da minha terra natal, para que os deuses de Terre d'Ange me ouvissem, demasiado longe.

Conheci o verdadeiro horror então, os olhos abertos sangrando lágrimas salgadas para um oceano de desgosto. Morrer, só e desamparada! É o pior destino que um d'Angeline pode enfrentar. Chegara à minha derradeira réstia de coragem, e, como uma criança, busquei o único consolo que podia, desfazendo-me de todo o ânimo e volição para depor o meu destino em mãos alheias.

Asherat, rezei em silêncio, a boca articulando as palavras contra as águas prementes, Asherat-do-Mar, perdoa-me. Pela morte de teu filho Eshmun, lamento; ouvi o teu desgosto e partilhei-o. Poupa-me apenas a vida, e, juro-te, honrar-te-ei; em nome do Abençoado Elua, teu filho bastardo, comprometo-me a retornar a La Sereníssima e purgar o teu templo daqueles que viram o teu culto para os seus próprios fins.

Eu, Phèdre nó Delaunay, o juro.

Juro-o.

Terá havido resposta? Não posso dizê-lo com certeza, não havendo sido criada no culto de Asherat-do-Mar. Estava fraca e delirante, atordoada da queda e despojada de ar, mas isto sei eu ser verdade. À medida que os últimos vestígios de controlo davam de si no meu corpo sitiado, a boca abrindo-se-me e fechando-se-me impotente contra um fluxo de água do mar, passando devagarinho pela minha garganta sufocada direita aos pulmões, ouvi alguma coisa; um som, um movimento. Um profundo e constante dedilhar encheu as águas, o som de uma forte corrente, contornando os rochedos de La Dolorosa.

Uma corrente, uma forte corrente.

As correntes em torno de La Dolorosa são fortes e incertas...

Assim falara o capitão do *Darielle*; e assim era. Nas profundezas, nas profundezas abaixo da superfície das vagas, fluía uma poderosa

corrente, que me abraçou qual par de braços, arrastando-me para longe da ilha.

Para longe, e para cima.

A minha cabeça irrompeu à superfície da água e inspirei um trago de ar entrecortado e ululante, expirei-o sufocada, agitando os braços, não me apercebendo nos meus esforços frenéticos que o mar do qual eu emergira estava calmo, calmo e parado, salvo o suave e constante puxar da corrente. Era tudo o que eu podia fazer para respirar, tossir água do mar e sentindo-a escorrer-me, amarga e cálida, pelo queixo abaixo. Os pulmões ardiam-me, o estômago ardia-me, e algures na vizinhança das minhas costelas, uma dor lancinante fez-se sentir de novo. Dei às pernas, lutando para me manter à tona, e constatei que estava realmente viva, viva e a respirar.

Um objecto sólido bateu-me no braço, fazendo-me sobressaltar e chapinhar na água, e os meus dedos estendidos encontraram madeira, ensopada de água do mar e viscosa ao toque, mas sólida e flutuante, uma grande viga de madeira, uma ponta pegajosa de pez.

A tocha de Tito, apanhada pela mesma corrente.

— Obrigada — sussurrei numa voz rouca, a garganta dolorida. Agarrei-me à tocha, envolvendo-a com os braços, desesperada como qualquer marinheiro náufrago agarrando-se a uma verga quebrada. Afundava-se, mas flutuava ainda, suportando o bastante o meu peso para me manter com a cabeça fora de água. — Obrigada.

Só então me lembrei de olhar à minha volta, perscrutando por sobre as águas para ver onde estava. Quando vi, arquejei.

A corrente de Asherat não era zombaria nenhuma. Sem rochedos ou costa que oferecessem resistência, fluía qual rio silencioso, veloz e seguro, traçando uma rota invisível através do mar. La Dolorosa jazia muito atrás de mim, uma forma negra escarpada assinalada por diminutos pontinhos de fogo.

Um movia-se mais abaixo dos outros, marinhando pelas fragas abaixo direito à sua base.

Joscelin, pensei em agonia enquanto a corrente me levava para longe, arrastando-me para o alto-mar. Oh, Joscelin!

Embora de nada valesse, gritei, berrando acima das ondas bamboleantes até a voz dilacerada me faltar e a dor nas costelas me tornar difícil inspirar. Ninguém poderia ter ouvido àquela distância, por sobre a ressaca atoadora na base de La Dolorosa. Não importava. Quando nada mais podia fazer, pousei a face nos braços, ainda presos em torno da tocha, e chorei de exaustão, à deriva na corrente implacável.

Sobrevivi àquela noite, e permita o Abençoado Elua que eu jamais passe outra assim. Ouso dizer que, noutra estação qualquer, teria morrido de exposição, mas estávamos no fim do verão e o mar estava ameno. Na hora final antes do alvorecer, a temperatura do ar caiu e tremi violentamente. Doía-me a cabeça, doía-me a mandíbula e senti-me acometida de dores lancinantes no tronco; não posso sequer tentar descrever a dor nos meus braços, presos em torno da tocha flutuante de Tito. Com um esforço verdadeiramente heróico, logrei puxar as saias encharcadas até à cintura e atar um bocado de tecido à volta da tocha, fixando-me a ela.

Havia coisas movendo-se nas profundezas. Ouvia-as e sentia-as — por duas vezes, algo grande roçou-me as pernas nuas, fazendo-me estremecer de medo e repulsa. Asherat-do-Mar, rezei, poupaste-me; que as tuas criaturas me tratem gentilmente!

Fosse a misericórdia de Asherat ou outra protecção qualquer, nenhum dano me foi causado pelos habitantes do mar. E embora julgasse que essa noite jamais teria fim, a seu tempo teve. Não sabia, até o céu começar a tornar-se pardacento para levante, para que lado a corrente me levara. No completo negrume da noite nublada, acalentara uma débil esperança de que houvesse descrito uma curva ao longo da costa, quiçá com terra à vista. Mas a pálida lista laranja elevando-se no horizonte distante disse-me o contrário; levara-me para o alto-mar.

Recordei a história que o capitão contara do mercador que se afoagara ao largo de La Dolorosa e fora dar à costa illyriana, e novamente me enchi de medo. Oculto pelas nuvens e fantasmagórico, o Sol insinuou-se lentamente acima do horizonte. Uma bruma pairava sobre o mar, onde o ar estava ainda mais fresco que a água. Mas o Sol subiria, pensei, e aqueceria o ar, o bastante para fazer dissipar a bruma, abrissem as nuvens ou não.

E ficaria calor.

Agarrando-me à minha bóia improvisada, passei a língua pelos lábios secos e salgados. Assombrada pelo terror de me afogar ou ser devorada por algum monstro das profundezas, destroçada com a dor das minhas mazelas, nem pensara na sede.

Mas assim que pensei...

Senti a língua inchada, a garganta e os pulmões doloridos da água do mar que respirara. Receara os horrores cegos da noite, mas era o dia que mais provavelmente me mataria. Pode-se viver muito tempo sem comida; eu sabia, fizera-o. Não sem água. E não tinha nenhuma.

Não rezei, então, quando a plena e mortal ironia daquilo me atin-

giu. Fora ludibriada, atraçoada e encarcerada; escapara à morte demasiadas vezes, e deixara demasiados mortos atrás de mim. Pensar, uma e outra e outra vez, então é assim o fim... era de mais.

Ri-me, penso eu, ou emiti algum ruído destinado a ser uma risada. Um som áspero, como o crocitar dos corvos. Não percebi que o fazia até me esforçar por discernir outro som, débil e distante, que se propagava por sobre a água, e dei comigo esperando irritada que o incessante ruído cessasse. Assim aconteceu, quando me apercebi de que era eu.

E, no silêncio que se seguiu, ouvi outro som, débil mas acercando-se; um constante marulhar de água movendo-se ao longo de um casco de madeira, o restolhar e adejar de velas sob a brisa.

Da minha posição um escasso pé acima da água, a embarcação mais próxima emergiu das brumas qual grande ave, deslizando de bojo afundado na água. Um, dois, três... eram seis ao todo, as velas inclinadas enfunadas de vento quais asas brancas, os remos fixos e intocados.

Içando-me o mais longe possível acima da superfície da água, debatendo-me contra o tecido retorcido que me fixava à madeira, soltei um braço rígido e acenei no ar, gritando. — Aqui! Aqui! Em nome de Elua, socorro!

A minha voz mal soava humana, e o esforço de a elevar ameaçou dilacerar-me a garganta inflamada. Duas das embarcações passaram sem dar por mim, desaparecendo velozes nas brumas remanescentes, e eu agitei-me em vão na água. Por um momento, fiquei certa de que não tinham ouvido, nem visto, julgando-me uma aparição como eles me pareciam a mim. As lágrimas assomaram-me aos olhos, e pensei estupidamente, lá se vai mais água do meu corpo, pois muito bem, mais depressa morrerei se chorar.

E então uma voz gritou uma ordem num linguajar desconhecido para mim, e uma das embarcações adernou, girando mais veloz do que eu julgaria possível. A vela triangular foi à orça, frouxa contra o mastro, esvaziando o vento, e então, com gritos encadeados, uma corda retesou-se e a proa balançou na minha direcção. Outra ordem, viva e imperiosa, e os remos saíram para fora.

No meio do oceano, agarrei-me à tocha de Tito e dei aos pés, levantando os olhos para a embarcação enquanto ela se acercava de bordo de mim. Os remadores descansaram nos seus remos, os rostos perscrutando por sobre a borda, espantados. — *Sa ështa?* — exclamou um, fazendo um gesto supersticioso. — *Në Vila!*

Outro homem apareceu por trás deles, inclinando-se para diante para olhar cá para baixo para mim; e figura mais feroz, raramente tenho

visto. O seu longo cabelo negro estava preso atrás num penacho, e uns longos bigodes curvos emolduravam-lhe o largo sorriso branco, que revelava a falta de um dente do lado superior esquerdo.

— *Djo* — disse peremptoriamente. — Éshta d'Angeline.

E, com isso, lançou-me uma corda.

QUARENTA E NOVE



No espaço de uns segundos, os meus inesperados salvadores puseram-me a bordo da embarcação, puxando a corda a que me agarrava e içando-me sem cerimónias para o convés. Cambaleante e sem forças, mais não pude fazer do que ajoelhar numa trouxa trémula, escorrendo água salgada sobre as tábuas.

A equipagem resmungou na sua língua desconhecida, enquanto o seu capitão de penacho — isso adivinhei ser ele — me ignorava, berando outra série de ordens. Eles obedeceram de bom grado, pulando para a acção. Uma vez mais, a vela adejou solta da longa verga e o navio balançou bruscamente, girando. Senti um aperto no estômago de tão súbito que foi. Os remadores deram uma dúzia de remadelas, depois os cabos foram ajustados e a vela enfunou, retesada. Eles pousaram os remos e fixaram-nos.

À proa, um mancebo sem camisa inclinou-se sobre a água e acenou com uma flâmula carmesim, gesticulando para os outros cinco navios que flutuavam a curta distância, as velas frouxas. Um a um, com notável encadeamento, seguiram-nos o exemplo.

E então largámos, seguindo uma rota para levante sobre o mar coberto de bruma.

A custo, levantei a cabeça para avaliar a minha situação. Havia uns quinze homens a bordo do navio, de idades variadas desde o mancebo que acenara com a bandeira, que calculei não teria mais de catorze anos,

até um homem de barba ruça com ar robusto. Na sua maioria eram tão morenos como o capitão, embora aqui e ali prevalecesse um laivo ruivo.

Cada um deles, até mesmo o moço, usava uma espada curta na anca, e sob os toletes dos remos estavam firmemente presos broquéis redondos, embora o barco fosse demasiado pequeno para ser um navio de guerra. No porão aberto, vislumbrei caixas e baús esmeradamente arrumados, trancafiados com lonas. Acaso seria um pequeno navio de carga bem guardado, pensei. Ainda ajoelhada, fitei o topo do mastro principal, balanceando gentilmente contra o céu que clareava. Onde adejariam as cores de uma embarcação de carga, nada se via senão velas e cabos.

Querendo tudo isso dizer que os meus salvadores eram muito provavelmente piratas.

Com a companhia avançando em segurança, o capitão abriu caminho através do convés na minha direcção, acocorando-se diante de mim enquanto meia dúzia dos seus homens se agrupavam atrás dele. Tremendo, endireitei-me para a formal posição de joelhos, *abeyante*, da Corte da Noite.

— *Kür tē vend?* — perguntou ele, franzindo o sobrolho e roçando com o polegar a estreita tira de barba que lhe adornava o queixo. — *Sa tē atje?*

— Lamento — disse eu humildemente —, não entendo. Disses-tes... dissestes d'Angeline, meu senhor; sim, sou d'Angeline. Não o falais?

— D'Angeline. — Ele virou a cabeça e cuspiu desdenhosamente por sobre a borda do navio. Dois marinheiros nas cercanias resmungaram, fazendo figas e batendo nas frentes, outro gesto curioso. — D'Angeline, *djo* — disse ele, acrescentando descuidadamente —, Caerdicc'.

Levei um momento a perceber o que queria ele dizer, tão baralhadas estavam as minhas ideias. Mesmo então, vacilei à procura de palavras que não eram da minha língua natal. — Caerdicci — disse, num eco dele, esperando ter entendido bem. — Falais Caerdicci?

— Sim, é claro que falo, eu. — Levantou-se, cruzou os braços e lançou-me um olhar imperioso. — Julgas-me algum camponês iletrado, hein? Nasci nobre em Epidauro, eu!

Sentei-me nos calcanhares, juntando as peças. — Sois illyriano.

— Illyriano, sim. — Abriu-se inesperadamente num sorriso e fez uma vénia. — De Epidauro.

Das nações da Europa, pouco sabia de Illyria salvo que sempre ocupara uma posição precária, dividida entre as conquistas de Hellas

e Tiberium, La Sereníssima e Efesium, e vulnerável a uma invasão por parte do grande continente de nordeste. Tal como Terre d'Ange antes da vinda de Elua, vergava-se aos ventos, sobrevivendo o melhor que podia. Toda ela, salvo a cidade baluarte de Epidauro; essa detinha uma certa independência.

Sabia isso e nada mais. Parece estranho, agora.

— Sede bem aparecido, meu senhor, e muito vos agradeço — disse cortesmente, ainda que em voz entaramelada, inclinando a cabeça. — Crede em mim, o vosso resgate de hoje merecerá profunda gratidão da Rainha Ysandre de la Courcel. Eu sou a Comtesse Phèdre nó Delaunay de Montrève, de Terre d'Ange.

— Sim, profunda... gratidão. — Sorriu assentindo, seguindo cuidadosamente o meu discurso no seu menos que fluente caerdicci. — Eu sou Kazan Atrabiades, eu. Sinto honra em ter-vos como minha... — Voltando a cabeça, chamou um dos homens de barba ruça, inquirindo-o em Illyriano. O homem respondeu respeitosamente, providenciando a palavra caerdicci que o capitão procurava. Recebera instrução de erudito, adivinhei ao ouvir o seu acento formal. Conforme se veio a verificar, estava certa, embora pouco atentasse nisso na altura, pois que o sangue se me gelou ao ouvir a palavra pronunciada. — ...minha refém — completou Kazan Atrabiades com prazer, voltando-se de novo para mim.

Foi então que desfaleci.

Não foi, ousou dizer, tanto o abalo das suas palavras como o efeito cumulativo do abalo que eu sofrera. Todavia, fosse qual fosse a causa, foi um desfalecimento tal como raramente conheci; e então apenas com uns patronos de eleição. O céu revolveu-se-me na visão, num corropio de cabos retesados e velas brancas, e então vi as tábuas de madeira do convés correndo ao meu encontro.

Quando abri os olhos, estava sob um toldo de lona, escudada do sol que subia ainda. Um saco de ponto bem apertado contendo sobras de pano para remendar velas amparava-me a cabeça, formando um travesseiro contra a parede do castelo de proa, onde me haviam colocado fora do caminho.

— Estais acordada, bom. Tomai.

A voz falava Caerdicci; a voz do homem de barba ruça, que pondera a Atrabiades. Uma mão vigorosa, enrugada e marcada pelos elementos, chegou-me um odre com água debaixo do nariz.

Tomei-o agradecida, sentindo a água chocalhar sob ambas as mãos ao levar o bocal à boca e apertar. Água, morna e salobra, jorrou-me

para a boca. Sabia melhor que o mais profundo dos poços, a mais fresca das nascentes. Por um momento, retive-a simplesmente na boca, bochechando, sentindo a humidade retornar aos meus tecidos ressequidos de sal. Depois engoli cuidadosamente, em pequenos goles cada vez maiores.

— Um pouco mais — disse ele. — Não muito.

Fiz por obedecer, relutante; embora me parecesse que poderia emborcar galões sem me saciar, sabia muitíssimo bem que me faria mal. Depois de beber, ele ajudou-me a baixar o odre. — Obrigada — disse eu, esforçando-me por me sentar e virando a cabeça para lhe ver melhor o rosto. — Haveis-me salvado a vida, penso eu. Posso saber o vosso nome, meu senhor?

— Glaukos, chamo-me eu. — Rugas de riso sulcaram-lhe a pele morena em torno dos olhos cinza. — E ninguém me chamou senhor em todos os meus dias. Escravo, oh sim, e salteador; senhor, jamais. Apenas Kazan Atrabiades dá ordens aqui, e ele não detém título, nem jamais deterá. Mas vós, julgo eu, sois nobre de nascimento, minha senhora, não é assim?

— Sou Comtesse de Montrève — disse eu, protelando ligeiramente. Lá para a popa, Atrabiades conferenciava com o marinheiro que manobrava o leme, evitando diligentemente olhar na minha direcção. — O título foi herdado, e o direito a usá-lo outorgado por Sua Majestade Ysandre de la Courcel, Rainha de Terre d'Ange. Glaukos, é muito urgente que eu chegue à fala com Sua Majestade. Como lida o Senhor Atrabiades com os reféns?

— Ah, vamos lá, não vos apoquenteis. — Instalou-se confortavelmente no convés. — Ele nunca pescou ninguém do mar, nem ninguém com metade da beleza, mas honrará as convenções, Kazan fá-lo-á. Tendes alguém que pague resgate por vós?

— Sim, é claro. — Estava prestes a dizer da boca para fora que Ysandre escancararia o Tesouro Real pelas novas que eu trazia, mas, misericordiosamente, o hábito da discrição levou-me a fazer uma pausa. — Eu própria lhe escreverei uma carta de garantia, para o meu feitor em La Sereníssima.

Glaukos soltou uma casquinada. — Onde eles provavelmente lhe ficarão com a cabeça se ele puser pé em terra? Não, minha senhora, nem pensar nisso. Kazan Atrabiades não irá até La Sereníssima. Ponde-lhe prata na mão, e ele vos soltará livre que nem um passarinho.

— É muito urgente — repeti eu polidamente.

— Sem dúvida. — Amistoso, ele passou-me de novo o odre com

água. — Tomai mais um gole. Estais com uma voz de cana rachada. Não admira que os homens vos julgassem uma das *Vili*.

Bebi um pouco mais, sentindo a vida retornar-me aos membros a cada golada. — O que são as *Vili*?

— Espíritos — disse Glaukos afavelmente. — Espíritos dos mortos, que aparecem sob a forma de belas donzelas. Se um homem olhar de frente uma *Vila*, o seu coração tombará enfermo de amor, e ele deixará de comer e beber, até morrer. Eu próprio quase nisso acreditei, minha senhora Phèdre, e já vi d'Angelines antes. Essa mancha vermelha, no vosso olho; é um ferimento? É por demais... assombroso.

— Não. — Baixei o odre, fazendo uma careta com a dor que me repuxou o tronco. — Não exactamente. De onde vindes, Glaukos? Não de Illyria, penso eu.

— Ah, vamos lá, é uma longa história. — Pegou no odre e esguiçou água para dentro da boca. — Nasci escravo em Tiberium; minha mãe era hellena, escrava também, e amante de um homem poderoso. Fui criado com gentileza, eu, e comprado por um membro abastado do Comício para servir como tutor dos seus filhos... disse-me, dói-vos quando respirais?

— Sim — disse eu absorta, pensando. Quanto tempo estivera eu em La Dolorosa? Semanas, sabia eu; teriam sido meses? Perdera-lhes a conta, ao longo daqueles primeiros longos dias. Ainda estávamos no verão, mas este ia bem adiantado. Se Ysandre não partira já para iniciar o *progressus*, tê-lo-ia feito já quando um mensageiro chegasse à Cidade de Elua. Não, pensei; Marsilikos é mais seguro. Seguramente Roxanne de Mereliot pagaria fosse que resgate fosse pedido por Atrabiades — e Quintilius Rousse lá estaria, também. Seria boa coisa, se lograsse recrutar o auxílio do Almirante. Fosse qual fosse a natureza do plano de Melisande, nem mesmo Marco Stregazza pensaria duas vezes em agir com a frota d'Angeline postada ao largo de Caerdicca Unitas. — Glaukos, tenho de falar com o Senhor Atrabiades.

— Haveis quebrado uma costela, é o que é; porventura duas. — Palpou-me as costelas com surpreendente gentileza. — Não vos inquieteis, não intento causar-vos dano. Minha mãe era filha de um físico, antes de ser vendida. Viram-se em apuros, vedes bem; uma sentença desfavorável num pleito judicial. Jamais façais frente a um magistrado tiberiano, digo-vos eu, mas deixai para lá. Sem dúvida que Kazan vos dará ouvidos assim que estivermos fundeados a salvo. Há uma pequena questão a tratar, vedes bem. “Toma conta da rapariga até acostarmos, Glaukos”, disse-me ele. “Falas a sua língua,

sabes tratar das mazelas à gente.” Por isso nada receeis, eu mantereí a palavra.

— Au! — Esquivei-me encolhida aos seus dedos insistentes. — Glaukos, obrigada, mas as minhas costelas podem esperar; o meu resgate, não. Ireis chamar o Senhor Atrabiades para mim?

Ele sentou-se de volta e olhou-me calmamente. — Bem, vamos lá, ele não vos agradecerá por lhe chamardes senhor, nem mudará de rota por uma fidalga d’Angeline pescada do mar, por mais lindo que seja o seu rosto. E, se me perguntais, apenas terá de recusar e bramar e gritar um pouco, mostrar-vos as costas da mão para fazer saber aos seus homens que não sois *Vila* nenhuma que lhe deixe o coração enfermo e o enfraqueça. De modo que não, não o chamarei para vós.

— Deixai para lá — disse eu, esforçando-me por me pôr em pé. — Falarei eu própria com ele.

Glaukos susteve o fôlego e abanou a cabeça, vendo-me ir. Encaminhei-me para a popa em passos vacilantes, agarrando-me ao cordame quando o navio afocinhava. Os marinheiros saíam-me do caminho, olhando de soslaio. Avistando-me, Atrabiades manteve-se postado com um pé fixo no rebordo do porão, o braço apoiado como se nada fosse sobre o joelho, observando o meu progresso de olhos semicerrados.

Mais tarde, apercebi-me da visão que eu teria sido, com o vento fustigando-me o cabelo emaranhado pelo mar e o vestido cinza esfarapado à minha volta, deixando a nu vívidos laivos vermelhos e negros da intrincada marca que se elevava por entre as minhas omoplatas até à nuca; na altura, pouca atenção dei ao meu aspecto. Não é de admirar que os supersticiosos entre eles questionassem a minha mortalidade. Mas Kazan, bem vi, não se deixava enganar.

— O que é que tu queres, tu? — perguntou quando eu me acercava dele, erguendo as sobrancelhas. — Ordenei a Glaukos que te atendesse; é quanto basta, hein?

— Meu senhor. — Fiz-lhe uma cortesia bamboleante. — Desejais clamar o meu resgate, eu entendo. Velejai para Marsilikos a todo o pano, e a Duchese Roxanne de Mereliot, que é Senhora de Marsilikos, vos pagará em ouro; um resgate principesco, vos juro eu.

— Não — disse ele preguiçosamente, desviando os olhos. — Retorna para junto de Glaukos.

— Meu senhor Atrabiades — implorei, pousando-lhe uma mão no braço. — Por favor, é muito importante que eu leve palavra para a minha Rainha, e não tenho tempo a perder. Prometo-vos, em nome do

Abençoado Elua, que ela vos concederá clemência por me clamardes como refém.

— Escuta aqui, d'Angeline! — A sua mão apertou-me o pulso, surpreendentemente lesta, e os seus olhos negros brilharam de fúria. — Não sei, eu, porque estavas tu no meio do oceano, mas salvei-te a vida, sim. O teu país, pôe-se ao largo a ver, quando Sereníssima toma Illyria por seu vassalo. Nós pedimos ajuda, sim, mas vós, vós fazeis casamentos e tratados com Sereníssima. — Atrabiades tornou a cuspir com eloquente desdém. — Agora fazes pouco de mim com linguagem fina, postas-te diante de mim coberta de farrapos e clamas um título nobre, pedes-me que corra lesto a ajudar o teu país, sim? Que faça uma viagem sem providência, quando há navios de guerra de Sereníssima à nossa caça? — Largou-me o pulso tão abruptamente que cambaleei. — Clamarei resgate, eu, a *meu* tempo, a *meu* modo. — Levantando a voz, rugiu para mim. — Agora torna para junto de Glaukos!

— Sim, meu senhor — sussurrei, fazendo uma trémula retirada.

Uma ideia que se ia.

— Eu bem vos disse — observou Glaukos senhor de si quando eu retornei. — Ides enfiar a cabeça na boca de um leão, não é de admirar que ele vo-la arranque à dentada. Pois, bem, minha senhora, fazeis o favor de respirar fundo e permitis-me que vos escute o peito? Apoquentam-me essas vossas costelas.

— Fazei o favor — resmunguei, ignorando os olhares cobiçosos dos marinheiros illyrianos quando Glaukos encostou a cabeça parda ao meu peito. Logrou fazê-lo com deferência; não era pequeno feito, num navio cheio de piratas. O que dava crédito ao seu conto de servidão.

— Os vossos pulmões soam limpos — disse, agradado. — Não sentis uma dor lancinante quando inspirais?

— Não, Glaukos, é verdade que recusámos ajudar Illyria? — perguntei-lhe, acrescentando, — Terre d'Ange, quero eu dizer.

— Bem verdade. Erguei os braços, vou atar-vos as costelas. Ajudará um pouco a suportar a dor, e impedirá que fiqueis pior enquanto saram. Tenho uma moça adestrada por mim que o fará como deve ser quando acostarmos. — Concentrando-se, enrolou-me uma faixa limpa de algodão grosseiro em torno do tronco, sobre o vestido peganhento. — Foi há uns quarenta anos, se bem me lembro. O Ban de Illyria implorou uma aliança ao Rei Ganelon de Terre d'Ange, mas o Rei julgou La Sereníssima mais poderosa, e forjou aliança com eles, casando seu irmão na família do Doge. Que tal está?

Inspirei a medo. — Melhor, obrigada. Jamais ouvi tal coisa. O meu senh... Kazan parece amargo.

— Ah, pois então, duvido que a maior parte dos D'Angelines soubesse, salvo o Rei e os seus conselheiros. Quanto aos Illyrianos, esses, é outra conversa. Jamais nos esquecemos daqueles que nos recusam ajuda numa altura de necessidade. Vós D'Angelines podeis não ser inimigos, mas amigos não sois, atentai bem. E Kazan... ah, bem, é uma longa história, essa. — Enrolou a faixa de algodão que sobrara numa bola e colocou-a numa sacola a seus pés. — Seguramente sabeis que Terre d'Ange é a inveja de muitas grandes nações, minha senhora. Ver tantos dotes tão profusamente outorgados a um único povo, suscita cobiça e ira.

— Aquilo que temos, lutámos para conservar — disse eu, lembrando-me sobremaneira bem do desejo de Waldemar Selig de fazer sua a minha terra. — Glaukos, como passastes de escravo tiberiano a pirata illyriano?

— Fui vendido — disse ele simplesmente, colocando uma pitada de ervas numa caneca de coiro. — Quando os filhos do meu amo cresceram, ele deixou de ter necessidade de um tutor, e vendeu-me a outro cidadão abastado, que tinha necessidade de um escrivão com instrução. Viajava com toda a sua casa numa empresa comercial, a bordo de um navio mercante destinado a La Sereníssima, quando fomos atacados.

— E Kazan Atrabiades fez-vos prisioneiro? — aventei acidamente.

Glaukos riu-se, vertendo água para a caneca e agitando-a. — Não propriamente, minha senhora. Deu-me a escolher entre lutar pelo meu amo e morrer, ou juntar-me a ele como homem livre. Ah, vamos lá, vivera toda a minha vida na escravidão, não vivera? Pensei passar os meus últimos anos como salteador livre. Kazan sempre encontrou uso para mim, e eu jamais tive razão para lamentá-lo. Tomai, bebei isto — completou, estendendo-me a caneca.

— O que é? — Peguei nela e funguei, olhando-o indagadora.

— É simples valeriana, para aplacar a dor e deixar-vos dormir — disse ele gentilmente. — O vosso corpo requer repouso, para se curar. Não vedes, olhai, como a mão vos treme? — Falava verdade; reparei admirada como a caneca de coiro me tremia entre os dedos, a infusão chocalhando. — Deveras, portais-vos melhor que um soldado, mas haveis sofrido um abalo a noite passada, e há que esperar para que nisso faleis. Bebei, que eu vos guardarei. — Sorriu para mim, e os seus olhos eram bondosos. — Nenhum dano sofrereis, prometo-vos.

Temeridade ou não, pouca escolha me restava. Acreditei nele, e bebi. Não tardou que a exaustão me dominasse, e adormeci, e perdi o acordo de mim.

CINQUENTA



Os meus sonhos foram vívidos e intermitentes, plenos de imagens perturbadoras; a escuridão raiada de chamas, e o tinir violento de metal contra metal. Sempre, sentia-me incapaz de me mover, presa no lugar e refreada, enquanto a voz de Melisande me sussurrava melíflua ao ouvido, rogando-me que desse o *signale*, e mais além, algures, outras vozes imploravam em tormento que eu o fizesse, que o desse e as libertasse. Fortun, ouvi eu, e Remy; por uma vez foi Joscelin, e o seu rosto pairou-me turvamente na visão, os olhos azuis arregalados de agonia.

É um sonho, pensei, no meu sonho forçado e inquieto. Um sonho, nada mais, que o Abençoado Elua me perdoe!

Não foi de admirar, então, que eu acordasse não sabendo onde estava, nem se estava desperta ou a sonhar. O movimento balanceante do navio era tão embalador como o sono, e a estranheza de vozes illyrianas à minha volta tão incompreensível como palavras faladas num sonho. O Sol descia através das nuvens atrás de nós, e o céu para poente estava incendiado de fogo.

E ali, enroscada sobre o mastro de mezena na direcção da popa do navio, uma sombra movendo-se.

Quedei-me aninhada contra a parede exterior do castelo de proa, de olhos fitos nela por baixo do toldo de lona. Uma ilusão de luz... não. Ela moveu-se, sinuosa e com corpo de serpente, abrindo umas asas es-

triadas contra o céu obscuro; uma cabeça em forma de cunha ergueu-se, com olhos cintilantes da cor de sangue seco. A sua boca abriu-se num silvo silencioso, e uma língua de três pontas assomou, tremeluzente.

Não me envergonho de admitir que deixei escapar um grito de puro terror.

Que pôs todo o navio em alvoroço, marinheiros correndo de um lado para o outro, temendo que a armada sereníssima estivesse a atacá-los. Glaukos acorreu para meu lado, lívido de susto. — Minha senhora, minha senhora! — gritou num caerdicci esbaforido. — O que se passa?

Apenas Kazan Atrabiades não se movera, plantado no convés de pés afastados, os olhos escuros fitando-me do outro lado do navio.

Olhei de novo para o mastro de mezena, e apenas vi a ponta do mastro balanceando, a vela adejando tinta de vermelho pelo sol poente, uma corda solta suspensa da verga. — Perdoai-me — murmurei para Glaukos, passando as mãos pelo rosto. — Acordei de um sonho e julguei ver... uma coisa.

Ele voltou-se para o marinheiro mais próximo e disse algo apaziguador em Illyriano; o marinheiro relaxou, riu-se, e informou por seu turno um camarada. Ouvi as palavras de Glaukos passarem de boca em boca, e então um dos outros navios acercou-se de nós à distância de um grito, e a narrativa da histeria da refém d'Angeline foi motivo de chacota para trás e para diante através das ondas.

Reparei que Kazan Atrabiades sorria lugubrememente, sem se rir.

— Carreguei de mais na dose — disse Glaukos apologeticamente. — As minhas desculpas, minha senhora; estou acostumado a tratar homens feitos, vedes bem. Ah, bem, já estais acordada, e sem qualquer dano. Não tardaremos a aportar, assim que nascer a lua... Comereis? Far-vos-á bem, e temos comida de sobra; parras recheadas de borrego e arroz, se é que não se acabaram já.

— Sim — disse eu, olhando para Atrabiades. — Obrigada, é muita bondade. E água, se puder ser.

Glaukos trouxe a comida e eu comi enquanto ele se afadigava em meu redor como uma enfermeira. O sol poente alongava os seus raios para ocidente, deixando listas rubras que se dissipavam ao longo do horizonte. À medida que a escuridão caía, não afrouxámos o passo nem um pouco; estes Illyrianos navegavam guiados pelas estrelas quando estas eram visíveis, pelo toque e pela intuição — porventura até pelo cheiro — quando não. À proa de cada veloz navio agachava-se um ágil marinheiro com uma lanterna, astuciosamente forjada, que

providenciava amplo clarão de luz através do qual se mantinham em comunicação.

Mais tarde, viria a saber, não havia pirata mais temido ao longo da costa sereníssima do que Kazan Atrabiades o Illyriano, pois que a sua arte de navegar, e a velocidade e maneabilidade dos seus navios, eram lendárias. Combatia com ferocidade e crueldade, e os seus homens eram adestrados com uma precisão que teria feito a inveja de um grupo de exercício camaeline. Atacava velozmente e fugia ainda mais velozmente, e ninguém jamais o apanhara; em parte porque navegava como um demónio e em parte devido à costa cravejada de ilhas de Illyria, que se ufanava de ter uma dúzia ou mais de enseadas secretas. Em oito anos de pirataria, apenas perdera três navios.

Tudo isso e mais descobriria eu ser verdade; então, apenas me admirei vagamente com a habilidade dos Illyrianos e enrosquei-me sonolenta contra o castelo de proa, com um cobertor puído das provisões de Glaukos sobre os ombros para afugentar alguma friagem. A minha provação e os restos da droga haviam-me deixado exausta e esgotada, a mente tão oca como um tambor, apenas contendo os ecos cavos das temíveis visões que presenciara. Amanhã, disse de mim para mim. Amanhã, à luz do dia, pensarei de outro modo, e encontrarei maneira de sair deste enredado.

Dormitava quando o som de passos me acordou, uma passada deliberada que nada tinha que ver com o pé ante pé com que Glaukos se acercava, e abri os olhos no momento em que Kazan Atrabiades se acorrava sobre os tacões das botas a meu lado, reclinado contra o castelo de proa. A lua nascera, e pude divisá-lo à sua luz difusa. O luar suavizava-lhe as feições ferozes, relampejando num brinco de pérola em forma de lágrima que lhe pendia do lóbulo esquerdo, lançando um brilho de prata no seu penacho de cabelo negro que era tão hirsuto e espesso como a crina de um pónei montanhês.

Em redor de nós, o navio estava sossegado; quatro ou cinco homens manobravam os cabos e o leme, falando em murmúrios, enquanto os restantes dormitavam onde podiam. A brisa soprava ligeira, e avançávamos lenta mas uniformemente, com a ondulação marulhando ao longo do casco. Sentei-me em silêncio, esperando que Atrabiades falasse.

E ele lá falou.

— Tu gritaste, tu — disse sem olhar para mim, a voz baixa mesclando-se com os sons do navio que deslizava na noite. — Quando acordaste pelo poente. O que viste tu?

Vacilei, depois disse a verdade. — Uma criatura, meu senhor; ou

assim julguei. Semelhante a uma serpente, mas alada, enroscada na mezena. Ergueu a cabeça e silvou para mim.

— Sim. — Atrabiades exalou bruscamente. — Com uma língua, como... — Franziu o cenho, buscando a palavra em Caerdicci, não logrou encontrá-la e estendeu três dedos, em forma de tridente. — Assim?

— Sim! — Sentei-me direita, de olhos arregalados e bem desperta. — Assim mesmo, exactamente!

Ele assentiu, a boca retorcendo-se lastimosamente na moldura dos seus bigodes. — Não a temas, d'Angeline. Foi isso que te vim dizer. A *kriavbhog*, apenas espera por mim. Carrego uma maldição de sangue, eu, Kazan Atrabiades. Ela não te causará dano.

Esfreguei as mãos sobre os olhos, como que para apagar a visão. — Mas, meu senhor, eu vi-a.

— Sim. — Atrabiades voltou-se então para me encarar, os olhos cintilando ao luar. Usava um brinco de pérola no lóbulo direito, também; esta negra, com um leve brilho iridescente. — Tu tens... marcas. — Tocou-me os ombros envoltos pelo cobertor, onde a minha marca jazia escondida. — Eu vi, hoje. Sei o que significa, eu. — Fitei-o emudecida; ele correspondeu com um sorriso feroz. — Julgas que eu sou um, um bárbaro, hein, que nada sabe dos vossos finos costumes? Sempre fui um guerreiro, eu, mas meu irmão, ele era um erudito, estudou em Tiberium. Daroslav, ele conheceu d'Angelines lá, eles contaram-lhe, ah! — Inspirou e emitiu um estalido com a língua. — Homens e mulheres, juramentados à vossa deusa de meretrizes, hein, marcados para o prazer. Ele jurou ter uma para si, um dia. Eu sei o que tu és, eu. A *kriavbhog*, ela mostra-se em sinal de aviso para a tua deusa, nada mais.

— Naamah — disse eu mecanicamente. — Sou Serva de Naamah, meu senhor, e, crede em mim, ela nenhum interesse tem na vossa maldição de sangue.

— Porventura. — Encolheu os ombros. — Porventura não. Acho-te assim à deriva no mar, que devo eu pensar, eu? Não te intrometas no destino de Kazan Atrabiades, avisa a *kriavbhog*. A tua Naamah dos prazeres de alcova o lamentará.

Soltei uma risada cava, passando as mãos pelo cabelo emaranhado de sal. — Meu senhor Atrabiades, eu sou Serva de Naamah e Eleita de Kushiel, que eu julgo ser por vezes uma maldição capaz de envergonhar a vossa. Devo lealdade a Asherat-do-Mar, que me salvou a vida, e estou destinada a purgar o seu culto em La Sereníssima por meu próprio juramento. Carrego um nome malfadado, e daqueles que me ajudaram, mais fazem mortos ou arruinados que vivos. Prevenir-vos-ia a vós e à

vossa *kriavbhog*, seja isso o que for, para que vos mantivésseis ao largo do meu destino quando me avisais do vosso. E bem que poderíeis fazê-lo, meu senhor, velejando para Marsilikos a todo o pano e clamando o meu resgate.

— Não me chames “senhor”. — Ignorou o resto. — Sou Kazan Atrabiades, eu. E não velejo a rogo teu.

Quando abri a boca para replicar, o marinheiro à proa soltou um grito abafado, apontando para o horizonte onde uma luz cintilava. Na noite límpida, pude divisar uma massa baixa de terra. Atrabiades levantou-se com pressa ociosa, dando ordens à medida que o navio se agitava de volta à vida.

Quedei-me onde estava. Ele deteve-se antes de partir, olhando-me do alto. — Clamarei o teu resgate, d’Angeline, não temas. Mas fica sabendo disto. Se ele fosse vivo, dar-te-ia a meu irmão Daroslav, hein, o meu erudito irmãozinho, que jamais chegou a cumprir o que jurou.

Fosse ou não destinado a ser um aviso, tomei-o como tal, fitando o seu rosto envolto na sombra. — O que lhe aconteceu?

— Matei-o, eu — replicou laconicamente Kazan Atrabiades.

E, com isso, afastou-se a passo largo na direcção da popa do navio, deixando-me a ponderar as suas palavras.

Se julgara acabada a viagem quando acostámos, estava enganada. À luz da lua e das estrelas, ajudados pelo luzeiro na ponta mais saliente, os nossos seis fantasmagóricos navios velejaram até à baía de um pequeno povoado cujo nome nunca soube, na ilha de Gavrilos, que é famosa pelo seu azeite. Ali largámos âncora, e uma delegação de habitantes veio ao encontro dos piratas no cais, de olhos remelosos à luz das tochas, mas plenos de animação e zombaria.

Alguma espécie de comércio, ao que parecia, tomava lugar. Demasiado alerta para dormir, quedei-me a observar no convés enquanto os marinheiros de Kazan iam e vinham do porão, carregando mercadorias para consideração dos habitantes locais. Sal e especiarias eram acolhidos com gritos de entusiasmo; sedas e finos linhos com encolheres de ombros, embora, aqui e ali, eu visse homens palpando os tecidos com prazer culposo.

Para minha surpresa, Kazan era tratado com respeito e admiração. Não sabia, então, até que ponto o comércio fora suprimido na costa illyriana, nem quão pesadas eram as tarifas impostas às importações. As suas mercadorias eram roubadas, é certo, mas, entre os seus conterrâneos, Kazan Atrabiades comprava e mercadejava a preço justo. Se lucrava ao fazê-lo, deixá-lo; era à custa de La Sereníssima, e os Illyrianos admiravam-no por isso.

Na altura, apenas pude avaliar isto pelo comportamento e atitudes gerais, grata que o adestramento de Delaunay tal mo permitisse. A toda a minha volta, conversas cruzadas, um abafado gracejar nocturno, pleno de barganhas e trocas. Não entendia uma palavra sequer, e era de enlouquecer.

Não poucos lançavam olhares para o meu lado, e vi as suas mãos moverem-se sub-repticiamente em gestos para afugentar o mal. Ouso dizer que parecia assaz sobrenatural, uma esfarrapada aparição d'Angeline num rasto cinza, singularmente espartilhada de ligaduras. Kazan Atrabiades pouca atenção prestava, ignorando a minha presença, afadigado a mercadejar.

Senti-me aliviada quando o comércio foi concluído e Glaukos reapareceu a meu lado, com interjeições de inquietação e ordenando-me que não estivesse de pé. Sentou-se amistosamente comigo enquanto os homens de Kazan carregavam enormes vasilhas de azeite para o porão, firmando-as com cordas.

— Devíeis era estar a dormir, minha senhora — disse para mim. — Largaremos de novo à primeira luz do dia, e não são mais de três horas de viagem até aportarmos.

— Outra expedição de comércio? — perguntei, extenuada. Estava cansada até aos ossos, agoniada do mar, e a pele ardia-me de comichão à conta da sua fina camada de sal.

— Ah, vamos lá, a próxima paragem será a última, e muito me alegrarei por ver casa. Sentir-vos-eis melhor num leito a valer, vereis. — Glaukos perscrutou-me o rosto, virando-me o queixo com a mão. — Embora estejais a sarar assaz bem, pelo que vejo. A menos que o luar me engane, essa feia contusão na mandíbula quase se desvaneceu, minha senhora. Haveis sido maltratada, sim?

— Sim. — Respondi alheada. — Como dizeis, é uma longa história. Glaukos, porque matou Kazan Atrabiades o seu irmão?

Ele mandou-me calar com uma interjeição, apressando-se a olhar à sua volta, embora ninguém mais pudesse ouvir senão os marinheiros, que não falavam Caerdicci. Kazan permanecia em terra, brindando e rindo com os aldeãos. — Não deveríamos falar disto em voz alta. — Quem vos contou isso?

— Foi ele — disse eu racionalmente. — Quem mais? Aquela coisa que eu vi no mastro, não foi ilusão de um sonho. Ele chamou-lhe alguma coisa, uma, uma *kríavbhog*. Disse que tinha que ver com uma maldição de sangue.

— Oh sim. — Glaukos suspirou. — Estes Illyrianos, são supersti-

ciosos, não há que enganar. O que não lhes foi inculcado desde que as montanhas eram jovens, trouxeram os Chowati quando os invadiram e misturaram o seu sangue e os seus costumes com eles. Cinco centos de anos mais tarde, ouvem *Vili* cantando em cada brisa, *maredonoi* nas ondas; o borrarho de cada cozinha deve ter a sua *ushkova*, e cada lar o seu *domuvic*, a ser adulado e subornado. Nos campos, escondem ovos para os *pölvu*. Nas florestas, viram as roupas para trás para que os *leskii* não dêem com eles. Kazan, é melhor que a maioria. Apenas teme a *kri-avbhog* e faz pouco do resto.

— E está certo em temer — murmurei —, se aquilo que vi era real.

— Quem pode dizer? — Levantando as mãos, Glaukos encolheu os ombros. — Sua mãe amaldiçoou-o, pelo sangue que ele próprio derramou. Kazan crê que, se alguma vez retornar a Epidauro, a *kriavbhog* se apoderará dele, pois tais foram as palavras da maldição de sua mãe. À parte isso, julga-se invulnerável. Como crê nisso, os seus homens crêem também, e seguem-no inquestionavelmente.

— E vós? — Busquei-lhe o rosto à luz difusa. — Credes?

Ele sorriu dentro da barba. Eu sou velho, minha senhora, e sobremaneira bem adestrado no racionalismo de Tiberium, cidade de meu nascimento. Creio no que vejo. Ah, vamos lá, já me alarguei e falei sobremaneira. Se mais desejais saber, perguntai ao próprio Kazan, e não me culpeis se ele rosnar. Embora, se tivésseis algum senso, acatásseis o meu conselho e dormísseis.

No fim, não tendo outro remédio, assim fiz, apenas acordando quando rumámos para o alto-mar uma vez mais, os remos mergulhando em golpes longos e lesto até estarmos assaz longe para içarmos a vela mestra e apanharmos uma boa barrigada de vento.

O alvorecer rompeu límpido, o pálido firmamento violeta dando lugar ao laranja, e os illyrianos cantaram enquanto navegavam. Com a relativa segurança da costa a seu lado, os porões cheios de mercadoria e rumando a casa, estavam por demais animados. Glaukos falara verdade; a manhã ainda ia alta quando demos com um pequeno arquipélago. Seis ou oito ilhas, vislumbrei eu à distância, embora apenas uma quantas parecessem habitadas.

A nossa frota rumou para uma das mais pequenas, com penhascos abruptos, ao que parecia, coroada por uma cordilheira florestada de pinheiros. Senti-me sufocar quando navegámos ao longo da costa escarpada, desconfortavelmente recordada das fragas de La Dolorosa. Não havia sinal de vida humana, nenhuma enseada ou baía, e perguntei-me o que engendraria Atrabiades. Fosse de onde fosse, não via meio de acesso.

Assim pensei, até que contornámos um abrupto afloramento rochoso e Kazan Atrabiades berrou um comando. A vela tombou frouxa, a verga balanceando abruptamente enquanto adernávamos com um aperto no estômago tal a velocidade. Então vi, à nossa frente, uma estreita angra oculta nas sombras dos sobranceiros penhascos. Os illyrianos marearam as velas e puseram-se aos remos, zombando bem-dispostos, e, como nau capitânia, deslizámos para a sombra fresca.

Paredes rochosas, altas e pardacentas, assomavam de cada lado formando um corredor escavado. A água marulhava suavemente nos costados do navio, quase negra na ausência de luz solar. O chapinhar dos remos ressoava singularmente. Assim prosseguimos nós, durante vários longos minutos, ouvindo os sons dos outros navios na nossa esteira.

E então os penhascos ficaram para trás, e a vista abriu-se para uma perfeita enseada natural, uma baía de areia escudada de todos os lados. O Sol brilhava lá no alto num límpido céu azul, e a água cintilava qual água-marinha por baixo dele, salpicada aqui e ali de barcos de pesca. Ao longo da meia-lua da costa, vi um encantador povoado. Um soalco baixo elevava-se no morro lá atrás, invisível do mar, plantado de vinha; mais longe à direita, abaixo dos pinhais, logrei divisar pontos brancos que seguramente eram ovelhas pastando na encosta do morro.

— A ilha de Dobrek — disse Glaukos, de pé a meu lado. — Casa.

— É tão... — Pude ouvir o aturdimento na minha voz — ... *linda!*

Ele soltou uma casquinada. — Ah, vamos lá, eu não vos disse que nada lamentava?

CINQUENTA E UM



Uma vez na baía, o vento levantou-se uma vez mais, uma brisa folgazã que impeliu os nossos seis navios através das águas quais aves marinhas. Fomos avistados de terra, e pareceu que a aldeia inteira acudiu a receber-nos.

A umas vinte jardas de distância, os marinheiros irromperam em alvoroço, baixando as velas e prendendo-as à verga com gestos lesto e encadeados. Outros puseram-se aos remos, verificando a velocidade de chegada e manobrando as embarcações habilmente ao longo dos desembarcadouros. Os barcos por demais carregados chafurdaram um pouco, mas de casco chato como eram, tinham calado raso e lograram atracar sem raspar a baía arenosa.

Ao longo de todo o processo, Kazan Atrabiades permaneceu postado na proa da nau capitânia, de pernas afastadas e braços levantados em sinal de vitória. E as pessoas em terra aclamaram-no vigorosamente, tanto homens como mulheres.

Era o retorno a casa de um herói, não havia que enganar. Kazan pulou para terra assim que o primeiro cabo foi firmado às estacas, acolhido com cordiais abraços por parte dos homens e sorrisos embevecidos ou guinchos de admiração das mulheres. Foi uma grandiosa reunião no geral, à medida que os outros marinheiros recebiam as boas-vindas da família e dos amigos; até mesmo Glaukos se aprestou agilmente a desembarcar, saudando uma jovem e robusta mulher com menos de

metade da sua idade com sonoros beijos em ambas as faces, fazendo-a corar, encantadora, e apertar-lhe as mãos.

No meio de tudo aquilo, eu quedei-me postada no navio, esquecida.

Não por muito tempo. Vi o primeiro olhar de relance, ouvi a primeira voz quedar-se em silêncio, um silêncio que alastrou qual ondulação de uma pedra lançada à água, círculos de suaves murmúrios logo no seu encaicho. — *Ështa në Vila!* — ouvi por mais de uma vez, sabendo já o que significava; agora, aquilo fez-me meramente olhar desconfortável para o mastro da mezena, a vela inofensivamente recolhida. Se é que a *kriavbhog* ali estava, não se mostrava.

— *Djo, djo* — disse Kazan Atrabiades apaziguadoramente, erguendo uma mão a comandar silêncio. Assim que se quedaram à escuta, apontou para mim e falou longamente em Illyriano.

Pude ver pela forma como as suas expressões serenaram que ele estava a explicar que eu não era *Vila* nenhuma, mas uma refém mortal, tranquilizando-os. Todavia, a minha incapacidade de apreender uma palavra do que ele falou inundou-me de uma mescla de temor e frustração. Quando lancei um olhar implorador na direcção de Glaukos, ele acorreu para a beira do atracadouro. — Ah, vamos lá, nada receeis, minha senhora! — exclamou. — Kazan, ele diz-lhes que sois d'Angeline, é tudo, e que deveis ser tratada como honorável hóspede durante a vossa estada aqui. Eu não vos prometi que ele honraria as convenções?

— Prometestes — disse eu, pouco conforto encontrando nisso. As palavras de Kazan Atrabiades estavam por demais frescas na minha memória. *Se ele fosse vivo, dar-te-ia a meu irmão.* Não me aprazia sobremaneira confiar na honra de um fraticida, por mais que as suas gentes o admirassem. Mais valia refém que escrava, mas acabava por ir dar ao mesmo. No final, era o que fora bastas vezes no decorrer da minha curta vida: valiosa mercadoria.

Fosse o que fosse que dizia Kazan, pareceram aceitá-lo, relutantemente pondo de lado a curiosidade para irem aos seus afazeres, descarregando os navios e implementando um complicado sistema de distribuição. Glaukos conduziu-me até onde Kazan dirigia as operações.

— Meu senhor — disse eu, inspirando fundo, esquecendo-me uma vez mais de não o tratar assim —, se puder falar convosco...

— *Sa të djambo!* — ripostou ele para mim, e não precisei que mo vertessem para perceber que me haviam mandado calar nos termos mais rudes possíveis. Fechei bruscamente a boca, e Kazan Atrabiades voltou-se para Glaukos, dando-lhe instruções numa torrente de illyriano. Glaukos respondeu na mesma língua, explicando algo e apontando

para o meu tronco amarrado. A troca de palavras continuou por algum tempo, tornando-se acalorada. No fim, Kazan encolheu os ombros e voltou costas, dispensando-nos.

— Vireis comigo, por agora, minha senhora — informou-me Glaukos. O seu rosto batido pelos elementos estava afogueado. — Vinde, a minha pequena Zilje cuidará dessas ligaduras e providenciar-vos-á um banho. — A sua jovem esposa, pois soube mais tarde que o era, avançou com um arremedo de cortesia, corando até à raiz do cabelo ruço.

— Obrigada — disse eu, com todo o calor que logrei congregar. — Glaukos, como se diz “obrigada” em Illyriano? — Repeti-o quando ele me disse, sorrindo para ela. — *Falemir dít*, Zilje.

E, com isso, Glaukos ofereceu-me o braço, e com a jovem esposa adejando ansiosamente a seu lado, ajudou-me a fazer a lenta e penosa travessia através da areia escaldante até à sua habitação.

Tudo dito, fiquei três dias em casa de Glaukos, recuperando.

Embora forte e resistente como eu era, a minha provação cobrara um tributo maior do que eu cuidava avaliar. Todos os dias levantava-me, persistente, a meio da manhã; a meio da tarde, estava inerte de exaustão e com uma dor surda nas costelas. Zilje ralhava comigo em Illyriano, olhando-me com um certo assombro de proprietária, como se eu fosse um voluntarioso e exótico animal de estimação que o marido lhe trouxera das suas viagens pelo mar, enquanto a sua irmã mais nova, Krísta, que morava com eles, me fitava de olhos arregalados.

Houve um grande corropio por parte das mulheres de Dobrek para casa do físico nesses três dias. Ouso dizer que a povoação jamais vira tantas dores de dentes de uma só vez. Glaukos, por seu lado, ignorava-o; eu sorria e assentia, encurralada pela minha própria fraqueza. Zilje dispensava cravos para mastigar para as dores, e mexericava de bom grado com as visitas.

Quase deu comigo em louca, ser incapaz de entender. Sempre fui boa com línguas, e, graças à insistência de Delaunay, cedo dominei a habilidade de aprendê-las. Posso ter sido uma escrava na Skaldia, mas pelo menos sempre soube o que era dito na minha presença. Aqui, era diferente. Falo D’Angeline, Caerdicci, Skáldico e Cruithne com considerável grau de fluência; domino razoavelmente o Habiru e o Helleno, e posso fazer-me entender entre os Tsingani.

O Illyriano, ao que parecia, nada tinha que ver com qualquer uma delas.

Dado que nada mais tinha que fazer salvo convalescer, dispus-me com implacável determinação a dominar o que pudesse da língua

illyriana. A minha tarefa foi dificultada pelo facto de Glaukos se encontrar frequentemente ausente ou indisponível, e Zilje e eu não partilhávamos qualquer língua em comum. Ainda assim, acumulei uma pequena quantidade de frases, e era capaz no final da minha estada de dizer “por favor” e “obrigada”, juntamente com algumas simples cortesias. Daí logrei extrair um vislumbre da sintaxe do Illyriano. Era um começo.

Quanto ao paradeiro de Glaukos, soube que ele servia como guarda-livros de Kazan Atrabiades bem como físico, e andara afadigado a catalogar o inventário e a distribuição da mais recente pilhagem, confiando a Zilje o atendimento das necessidades diárias dos aldeãos. Havia genuíno afecto entre o antigo escravo e a sua jovem esposa. Confesso, a princípio pensei que ela lhe houvesse sido dada como recompensa por bons serviços, mas nisto enganei-me. Ele dedicava-lhe grande afeição, e ela a ele; e bem que devia fazê-lo, pois ele tinha um coração mais bondoso do que muitos dos que serviam Kazan. A sua irmã Krísta tratava-o como um tio indulgente, o que parecia convir a todos três.

No segundo dia, um belo presente de tecido chegou de Kazan — um damasco de seda de um rosa carregado, urdido com um padrão de trevos. Passei uma dobra pelos dedos, aturdida, e fitei Glaukos, indagadora.

— Ah, vamos lá, minha senhora, deveríeis ataviar-vos conforme o vosso estatuto, não deveríeis? — disse ele, evitando o meu olhar. — Eu disse-vos que ele vos trataria bem, a despeito de tudo. A velha Noní vem esta tarde. Seis belas agulhas, prometeu-lhe ele, se ela costurasse algo apropriado.

Tentei dar o tecido a Zilje e à irmã, em vão. A vontade de Kazan Atrabiades era para ser obedecida. A velha Noní lá chegou, uma velha corcunda com um ar soturno, que resmungou e cutucou e me tirou medidas com um cordel, retornando um escasso dia mais tarde com uma vestimenta que me sobressaltou na sua elegante simplicidade, reunida sob os seios e tombando a direito até ao chão. O modelo provinha de um antigo poema illyriano sobre uma heroína trágica; desejei ter uma transladação, para dar a Favrielle nó Rosa Amarela. Ter-lhe-ia interessado. Pelo menos sobraram consideráveis restos de tecido, que eu dei a Zilje e Krísta, para grande deleite de ambas.

O que fizeram elas deles, jamais soube, pois ao fim do meu terceiro dia de convalescença, estava sã o bastante para ter recuperado a minha impaciência — e, a despeito da sua relutância, Glaukos não pôde negar que eu tivera uma recuperação notável. Aceceu aos meus pedidos e enviou palavra a Kazan Atrabiades.

E assim foi que o capitão pirata ordenou que eu lhe fosse enviada, ataviada de finas coisas roubadas ao estilo de uma heroína épica há muito morta.

Ao contrário das gastas construções de pinho da aldeia, a casa de Kazan era feita de pedra; blocos de cremoso mármore extraídos de uma ilha nas cercanias e trazidos por água para Dobrek. Ficava a curta distância a pé da aldeia propriamente dita numa escarpa rochosa sobre a baía, sobranceira ao mar. Uma fiada de ciprestes providenciava um encantador anteparo, e coloridos e tardios pés de vinha a que não soube dar nome amarinhavam pelas paredes de mármore acima. A casa propriamente dita era baixa e sinuosa, e assaz grande para ser o domínio de um fidalgo. A dada altura, abrigava não só Kazan, como um pequeno pessoal e três ou quatro dos seus homens com alojamentos próprios. Havia um estábulo, também, com dois cavalos nele; os únicos na ilha. Para tudo o resto, usavam burros.

Kazan esperava-nos no terraço sobranceiro ao mar quando chegámos, flanqueado por dois dos seus homens. A sua juba negra, apanhada num penacho, estava lustrosa de escovagem recente, e usava calças soltas enfiadas dentro de botas, e, sobre a camisa, um colete justo decorado com bordados illyrianos. A tira de barba no queixo estava aparada de fresco, e até as pontas do bigode haviam sido afiadas com cera na perfeição.

— Senhora Phèdre — proclamou, fazendo uma vénia, apenas mutilando um pouco o meu nome. — Dou-vos as boas-vindas a minha casa, eu! Sois minha honorável hóspede em Dobrek, hein?

Os seus homens seguiram-lhe o exemplo, de olhos fitos em mim e acotovelando-se entre si. Nada mais havendo a fazer, executei uma medida. — *Mirë daj*, Kazan Atrabiades. *Falemir dít*; agradeço-vos a vossa hospitalidade.

Ele sobressaltou-se ao ouvir-me saudá-lo em Illyriano, fitando-me boquiaberto. Deixou à mostra o espaço do molar que lhe faltava e arruinou consideravelmente o efeito geral da sua aparência. Deve ter tido noção disso, pois fechou a boca e apressou-se a dizer, — Não disseste que falavas Illyriano, tu!

— Não falo, meu senh... Kazan. — O hábito não era fácil de quebrar. — Apenas estas poucas palavras, que aprendi na vossa língua, para que os meus rogos vos soem mais gentis aos ouvidos.

Ele franziu o cenho. — És como um cão com um osso, hein, sempre de volta dele! Falaremos desse resgate a seu tempo, quando *eu* disser. Agora és minha hóspede, e Glaukos, ele diz que deves repousar ain-

da. Por isso vai e assim faz. — Voltando-me costas, Kazan levantou a voz. — Marjopí!

Uma figura volumosa saiu da sombra da pequena arcada da casa para o sol luminoso do terraço; uma mulher, os enormes braços cruzados sobre o peito sólido. Era de meia-idade ou mais velha, embora o cabelo, preso no alto da cabeça, fosse de um negro intocado de cinza. Uns penetrantes olhos negros num rosto pastoso olharam-me sem benevolência.

— Marjopí, que está comigo desde que eu era bebé de mama, eu. Ela cuidará de ti, hein? Marjopí! *Të lesh gezuan*, hein? — acrescentou, chamando-a.

— Marjopí — pois esse era o seu nome — despejou uma torrente de invectivas illyrianas em cima dele, às quais ele redarguiu do mesmo modo. Os seus lugares-tenentes sorriram despudoradamente, e Glaukos mexeu-se desconfortável a meu lado.

— O que foi? — perguntei-lhe.

— Ela acha que vós trazeis má sorte — murmurou ele. — Os Illyrianos; eu disse-vos, são supersticiosos. Ah, vamos lá, ela não seria a primeira a clamar a beleza d'Angeline desnaturada, mas a marca no vosso olho, vamos lá, bem, ao que parece a *kriavbhog* é uma fera de olhos vermelhos. Tem algo que ver com isso, pelo que me é dado perceber.

— Quiçá ela estará certa — respondi melancolicamente. Seguramente, a criatura que eu vira, ou julgara ver, tinha um olhar encarniçado, e eu não acalentava ilusões de que não tardaria a sentir-me picada pelo Dardo de Kushiel.

Fosse qual fosse a razão da querela, a vontade de Kazan prevaleceu, e Marjopí admitiu a derrota com uma fungadela, assentindo para mim e abanando bruscamente a cabeça para dentro de casa. Não tendo grande escolha na questão, apresentei os meus agradecimentos a Glaukos e segui-a.

Lá dentro, a casa era fresca, bem resguardada do sol pelo seu anteparo de ciprestes. O mobiliário era assaz fino, ainda que desemparelhado; madeiras escuras e cendradas, embutidos e arabescos, tapetes akkadianos com vasos hellenos. Segui Marjopí até à minha alcova, que era assaz pequena e nua, contendo apenas um pequeno roupeiro e uma cama estreita sobre a qual fora disposta uma opulenta colcha debruada de marta. Tinha uma janela, que dava para os morros, e os batentes haviam sido abertos para deixar arejar o quarto.

Ali me deixou Marjopí, e ali me sentei, enpoleirada na cama estreita.

Não levou mais que o tempo que leva descascar e comer uma maçã para que eu me sentisse entediada. Há quem seja capaz de suportar uma ociosidade forçada com graça, passando o tempo em proveitosa contemplação. Joscelin, capaz de manter as suas vigílias Cassilines horas a fio, era um deles; salvo por capricho de um patrono ou por necessidade nas artes da dissimulação, eu não era. Em La Dolorosa, suportara-o porque não tinha escolha. Aqui, era diferente.

Olhei pela janela, onde a luz solar cor de mel aquecia os pinheiros distantes, libertando no ar a sua fragrância resinosa. Olhei para os meus pés, calçados de desgraciosas sandálias que Glaukos me trouxera do sapateiro de Dobrek. Levantei-me e abri o roupeiro, que se encontrava vazio à excepção de uma capa de lã azul-escura finamente cardada, bordada com um motivo branco.

Pois muito bem, pensei, se Kazan Atrabiades não quisesse que eu sáísse, então teria deixado alguém a guardar-me ou mandado trancar a porta. Dado que estava aberta, deveria querer dizer que eu era livre de perambular. Afinal de contas, se eu tivesse em mente escapar, onde iria eu? Dobrek era uma ilha, isolada e bem guardada. Eu estava aprisionada por água tão seguramente como se fossem paredes.

A casa estava silenciosa e vazia nas horas matinais; nestas bandas, as pessoas labutavam até que o intolerável calor do meio-dia as levasse a repousar, retomando a actividade a meio da tarde. Não havia, ai de mim, livraria, embora eu não estivesse realmente à espera de encontrar alguma. Kazan Atrabiades não era nenhum Waldemar Selig para agarrar com ambas as mãos gerações de pensamento registado à laia de ferramenta para moldar o seu destino. Não, o irmão chacinado de Kazan é que fora o erudito. Claramente, o meu amo pirata não desejava lembretes dessa ocupação. Encontrei, sim, um compartimento que me surpreendeu a ponto de me deter à porta ao ouvir um som no interior. Lá dentro havia um antiquado tear, ao qual estava sentada Marjopí, de costas para a porta, tecendo. Cantalorava enquanto trabalhava, manobrando a lançadeira com uma velocidade e destreza que desmentiam a sua corpulência.

Dado que não tinha desejo de lhe chamar a atenção ou perturbar a sua disposição prazenteira, deslizei silenciosamente para lá da porta para continuar a minha exploração. O quarto de Kazan, reconheci-o sem dificuldade. Continha um enorme leito com cabeceira esculpida em talha de ouro representando um friso de cães de caça. Havia peças de roupa descuidadamente dispersas sobre a cama, e um par de botas mais que gastas encostadas uma à outra no chão a seu

lado. Em contraste, as suas armas estavam impecavelmente suspensas num cabide ao canto. A espada curta na sua bainha de coiro gravado, conhecia eu de vista; não reconheci o corselete e elmo com a sua viva pluma escarlate, o escudo a toda a altura do corpo pintado com uma ave de rapina segurando um ramo frondoso nas garras, negro sobre vermelho.

Estas não eram as armas de um soldado comum, e, pelo cuidado que ele tinha com elas, adivinhei que eram suas, e não pilhagem roubada, como tanta coisa mais na casa. Bem, pensei, ele disse que nasceu nobre; quiçá seria verdade. Olhei de relance em torno do quarto, procurando descobrir o que pudesse sobre o meu salvador e captor.

Numa mesa junto à cama via-se um pomander de filigrana de prata, de inconfundível fabrico d'Angeline. Era forjado de modo a parecer um novelo de vinha, com cachos de uvas representadas em relevo torneado. Abria-se com um jeito ladino, e continha um pedaço de cânfora, aromática como os pinheiros aquecidos do sol. Então, pensei, Kazan Atrabiades tem gosto por coisas belas e aprazíveis. Bem, isso era bom para mim; e mau, embora não pior do que eu esperava. Se ele tem desvelo por elas, tanto melhor.

O único outro objecto de nota no quarto era um armário bastante maltratado de madeira escura de cipreste, embutida de marfim num padrão de luas e crescentes. O marfim estava amarelecido do tempo, e a madeira tinha riscos antigos há muito escurecidos de tão manuseada. Ouso dizer que teria sido uma fina peça, outrora, mas parecia um velho objecto de saque. Abri as portas que davam para as prateleiras inferiores, que continham apenas roupa. Em cima havia duas pequenas gavetas.

Uma continha alguns pergaminhos, escritos em Illyriano, e um anel de sinete de ouro. Inclinando-o contra a janela e perscrutando o brasão, divisei em emblema com três abelhas e uma vaga inscrição. Tornei a guardá-lo cuidadosamente e abri a outra gaveta.

O que esperava eu encontrar, não sei dizer, mas seguramente não um brinquedo de criança. Ainda assim, era disso que se tratava; um soldado a cavalo, de madeira, não muito maior que a minha mão. Os membros do soldado eram articulados, de modo a poder sentar-se no cavalo ou andar para a frente e para trás, e erguer a espada e o escudo. Vestígios gastos de tinta vermelha e negra eram visíveis na madeira.

Ainda estava com ele na mão, de cenho franzido, quando ouvi os passos de Kazan.

Não tinha para onde ir, e nada pude fazer senão compor a melhor cara quando ele entrou porta dentro. Que descuido, deixar-me apanhar assim, pensava eu; Delaunay ter-me-ia pregado um sermão.

Kazan Atrabiades lançou-me um olhar e ficou-se imóvel de raiva. — Pousa isso.